

Clíticos na história do português à luz do teatro vicentino

Ana Maria Martins

Universidade de Lisboa (FLUL/CLUL) (Portugal)

anamartins@fl.ul.pt

"De um modo geral, Gil Vicente é original na medida em que é mais português que espanhol e mais popular que Livresco" (Teyssier 2005: 645)

Recibido o 07/02/2011. Aceptado o 09/05/2011

Clitics in the history of Portuguese in the light of Vicente's plays

Resumo

O objectivo deste trabalho é repensar o tema da colocação dos pronomes clíticos na história do português, observando dados que não haviam sido considerados e recolocando o problema numa nova perspectiva. O estudo do teatro vicentino vem revelar que no português quinhentista, época de predomínio esmagador da próclise em frases finitas nos textos portugueses, uma outra gramática mais enclítica, e portanto mais afim quer do português antigo quer do português europeu contemporâneo, tinha também existência. A desigual visibilidade das duas gramáticas nos textos quinhentistas decorrerá do seu diferente estatuto sociolinguístico. É a menos visível delas que podemos encontrar nas falas dos personagens populares de Gil Vicente, e é essa a gramática que constitui o "elo (quase) perdido" do percurso evolutivo do português antigo ao português europeu contemporâneo. A gramática quinhentista que domina a produção textual decorre, por sua vez, de um caminho evolutivo que parece ter sido comum a todas as línguas ibéricas, mas que não teve continuidade em Portugal e na Galiza. Esta gramática a que poderemos chamar "pan-ibérica" foi perdendo espaço a partir do século XVII, até se extinguir, apesar da posição de vantagem que durante séculos manteve relativamente à gramática mais "enclítica" e popular.

Palabras chave

Pronomes clíticos, mudança sintáctica, história do português, gramáticas em competição, teatro vicentino

Sumario

1. A mudança que nunca existiu: hipótese, resultados exploratórios e consequências. 2. A próclise em contextos de potencial variação ênclise/próclise: focalização contrastiva e afirmação enfática. 3. A gramática dos personagens populares de Gil Vicente em confronto com o português antigo e o português contemporâneo. 4. Conclusão.

Abstract

This paper reexamines clitic placement in the history of Portuguese from the perspective of new data and the concept of 'grammar competition' (Kroch 1989, 2001). On the basis of a small corpus extracted from the plays of Gil Vicente, it is shown that in sixteenth century Portuguese, in addition to the 'proclitic' grammar that pervades written texts, there is an 'enclitic' grammar attested to by the popular characters in these plays. This presumably vernacular grammar is closer in important respects to Old Portuguese and contemporary European Portuguese than the prestige literary sixteenth century 'proclitic' grammar. Thus Gil Vicente's plays provide the contemporary researcher with a valuable glimpse of an 'enclitic' sixteenth century grammar, which appears to be the hitherto missing link connecting the distinct patterns of clitic placement in finite clauses in Old Portuguese and contemporary European Portuguese. The competing grammars seem to have pertained to distinct social registers. Although the prestige 'proclitic' grammar was at the time dominant in written texts and widespread across Iberian Romance, the vernacular 'enclitic' grammar gradually replaced it subsequently.

Keywords

Clitic pronouns, syntactic change, history of Portuguese, grammar competition, Vicente's plays

Contents

1. The inexistent change: hypothesis, exploratory results and consequences. 2. Proclisis in the contexts of variation proclisis/enclisis: contrastive focus and emphatic affirmation. 3. The grammar of the popular characters in Vicente's plays. 4. Conclusion

1. A MUDANÇA QUE NUNCA EXISTIU: HIPÓTESE, RESULTADOS EXPLORATÓRIOS E CONSEQUÊNCIAS

A colocação dos pronomes clíticos no português (europeu) mudou ao longo do tempo em dois aspectos centrais: na distribuição (e proporção) da ênclise e da próclise nas frases raiz afirmativas; e na possibilidade, ou não, de um clítico ocorrer separado do verbo em contextos de próclise obrigatória. A primeira questão (nomeadamente, a alternância entre ênclise e próclise em estruturas similares e sua expressão quantitativa nos textos) é a que se tem revelado mais difícil de tratar, parecendo resistir às diferentes aproximações teóricas que a visaram. A ela será, no essencial, dedicado este trabalho¹. Para mais claramente definir o problema, digamos que no tipo de frases finitas em que a ênclise é obrigatória no português contemporâneo, a próclise foi igualmente uma opção ao longo da história do português, como mostram os seguintes exemplos²:

- (1) E rey uos **me enuiastes** dizer per uossa carta que uos desembargariades esse castello de Albofeyra ao Maestre e ao Conuêto de Auys se a my aprouguesse e eu **enuiey uos** dizer per mha carta que me prazia ende e uos **me enuiastes** dizer que nono fariades per que enuyara dizer esto per mha carta sarrada
(Doc. de 1260. Chancelaria de D. Afonso III. Duarte 1986: 87)
- (2) a. E sse as nos comprar nõ quisermos entõ **uêderdelas** uos a atal pessoa que faça a nos o dito foro como dito he (Lx 1329)
b. E nõ na querendo nos, êtõ **a uêderdes** uos se quisserdes (Lx, 1366)
(Docs. notariais de 1329 e 1366. Martins 2001: 414, 171)
- (3) a. E **façouos** della pura doaçom (NO, 1408)
b. E **uos fazemos** em ello procurador (Lx, 1412)
(Docs. notariais de 1408 e 1412. Martins 2001: 247, 474)
- (4) a. E elle **outorgoulho**
b. E Rotas **lho outorgou**
(Crónica Geral de Espanha de 1344. Cintra 1954: 36)
- (5) a. O carneyro, que d'aquelo nom sabia parte, **negou-ho**
b. O pastor, que ouve d'elle doo, **lhe disse**
(Livro de Esopo. Huber 1933: 181, 180)
- (6) a. E veendo a sombra, **deytou-se** na augua
b. E quando achan algũa cousa que lhe seria proveytosa, **ha despreçam**
(Livro de Esopo. Huber 1933: 182)
- (7) a. á pessoa que vos tall dise ou espreveo, **pergumtelhe** vosalteza omde estava syman afomso
b. aos que imda lá sam, **lhe tenho** dado seguros e lhe mando agora noteficar ho voso perdam
(Cartas de Afonso de Albuquerque. Pato 1884: 99, 94)
- (8) a. continuadamente ten guarda de muitos soldados, & muitos porteiros, & **falão lhe** cõ dificuldade
b. el rei Mahamed anconij veo visitar dom Francisco, & **lhe pediu** hos mouros que (...) foram captiuos
(Crónica de D. Manuel. Góis 1566: 22, 8)

¹ Vejam-se sobre esta matéria os seguintes trabalhos e as referências neles dadas: Martins (1994, 2003, 2005), Lobo (1992, 2001), Galves (2003), Paixão de Sousa (2004), Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005), Galves, Moraes e Ribeiro (2005), Rocha (2009).

² No português europeu contemporâneo a colocação enclítica é regra nas frases raiz em que o verbo não está precedido de qualquer constituinte com a propriedade de induzir a próclise, nomeadamente: negação, quantificadores, elementos *qu-*, certos advérbios e os constituintes focalizados contrastivamente. Para uma identificação precisa dos indutores de próclise, veja-se Duarte (2003) e Martins (no prelo). O galego comporta-se, a este respeito, como o português europeu. (cf. Álvarez e Xove 2002).

- (9) a. Tu, demónio, *oferecesme* de hum lanço todo o mundo, para que caya, para que peque.
 b. Tu, demónio, *me ofereces* todos os reynos do Mundo. Grande offerrecimento he.
 (Vieira, Sermões. Said Ali 1908: 76)
- (10) a. Morto Herodes, diz o Evangelista, appareceu o Anjo a José no Egipto, e *disse-lhe* que já se podia tornar para a pátria, porque eram mortos todos aquelles que queriam tirar a vida ao Menino.
 b. Nesta viagem, de que fiz menção, e em todas as que passei a linha equinocial, vi debaixo della o que muitas vezes tinha visto, e notado nos homens, e *me admirou* que se houvesse estendido esta ronha, e pegado também aos peixes.
 (Sermão de Santo António aos Peixes. Vieira 1679-1748:VI, 246, 245)
- (11) a. Muitos Franceses são de parecer que se devam desterrar todas, e talvez com o tempo escrevam como falam, visto que ainda não há muito tempo que esta língua se começou a purificar, o que não excede o tempo de Luís XIV. Mas *concedamos-lhe* o mesmo que hoje concedemos aos Hebreus, Caldeus, etc.
 b. A Gramática não se reputava coisa de pouca importância, mas *a consideravam* como base da Eloquência
 (Verdadeiro Método de Estudar. Verney 1746: 48, 30)

Embora a variação ênclise/próclise, no contexto relevante, se ateste ininterruptamente ao longo do tempo, a percentagem de actualização da ênclise e da próclise não é constante, nem a linha que nos permite visualizar o percurso da mudança entre o século XIII e o século XX tem a forma que esperaríamos. Como mostra o gráfico extraído de Paixão de Sousa (2004), essa linha é fortemente descendente até ao século XVI e ascendente a partir do início do século XVII.

Gráfico (1): Ênclises versus Próclises em XV
 (Martins, 1994; Ribeiro, 1996; Galves, Britto e Paixão de Sousa, 2003)
 por data de produção dos textos

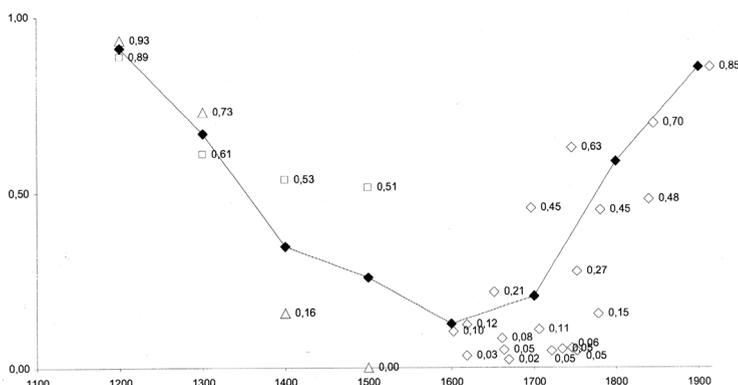


Gráfico I (extraído de Paixão de Sousa 2004). Evolução da ênclise em frases raiz afirmativas na história do português

O triângulo invertido que o gráfico nos mostra é surpreendente porque depois de três séculos de evolução gradual e consistente no sentido da generalização da próclise em frases finitas, que alinharia o português europeu com a maioria das línguas românicas (por exemplo, o espa-

nhol, o catalão e o italiano), parece produzir-se uma súbita e radical inversão de rumo com um crescimento da ênclise que levará à sua generalização na ausência de indutores de próclise³.

Diversas abordagens teórico-descritivas da evolução da próclise quinhentista para a ênclise contemporânea têm sido exploradas (veja-se as referências na nota 1). A proposta que aqui farei, desenvolvendo uma ideia que devo a Rosario Álvarez Blanco e afastando-me de trabalhos anteriores, é que tal evolução é ilusória, um erro de percepção resultante de uma análise dos dados textuais ilegitimamente apoiada no cálculo de valores quantitativos médios. Estes valores médios podem esconder um percurso evolutivo mais complexo do que sugere o gráfico acima, com duas gramáticas a evoluírem divergentemente a partir de uma mesma situação inicial e a competirem na comunidade de falantes até ao ponto em que uma delas se torna dominante e, por fim, exclusiva⁴. Mais concretamente, e voltando à ideia original de Rosario Álvarez Blanco: num sector da sociedade portuguesa medieval, a sintaxe dos clíticos evoluiu na mesma direcção que em outras línguas ibéricas, como o espanhol e o catalão; num outro sector da sociedade portuguesa medieval, evoluiu no sentido da actual gramática do português europeu⁵. A gramática “proclítica”, a que poderíamos chamar “pan-ibérica”, era a das classes social e culturalmente dominantes (tipicamente, alfabetizadas e produtoras de escrita), a gramática mais especificamente portuguesa era a das classes populares (tipicamente, não alfabetizadas e com acesso muito limitado à produção escrita). São factores sócio-culturais os que determinam que no português quinhentista (e também quatrocentista e seiscentista) seja extremamente reduzida a visibilidade da gramática em que a ênclise se terá mantido essencialmente estável ao longo do tempo.

³ Os dados que serviram de base à elaboração do gráfico excluem as frases com verbo inicial (estruturas V1), por nelas a ênclise ser obrigatória ao longo do tempo (com pouquíssimas, e quantitativamente insignificantes, excepções). Assim, no título original do gráfico, “XV” equivale a “estrutura não-V1”. A linha apresentada no gráfico foi desenhada em função da média simples obtida a partir de três corpora: os textos notariais de Martins (1994), representados pelos símbolos triangulares, os textos estudados por Ribeiro (1995) – e não “Ribeiro (1996)” –, representados pelos símbolos quadrangulares, e os textos do Corpus histórico Tycho Brahe investigados por Galves, Britto e Paixão de Souza (2003), representados pelos símbolos losangulares não preenchidos. Os textos estudados por Ribeiro (1995) são o Foro Real, para o século XIII, os Diálogos de São Gregório, para o século XIV, A Crónica de D. Pedro, de Fernão Lopes, para o século XV, e a Carta de Pero Vaz de Caminha para o século XVI. Quanto à Carta, veja-se o estudo de Lobo (1996). Para a Crónica de D. Pedro, Salvi (1990) apresenta-nos valores quantitativos muito diferentes dos de Ribeiro (1995), com um inesperado valor de 88% de ênclise. Esta divergência de resultados indica que será necessário visitar a colocação dos pronomes clíticos neste e noutros textos de Fernão Lopes.

No que diz respeito ao século XVI, os textos de Afonso de Albuquerque, Damião de Góis e Fernão Mendes Pinto observados por Martins (1994: 273) oferecem uma percentagem média de próclise de 89,6%, confirmando a dominância da colocação proclítica em frases finitas (especificamente, frases raiz afirmativas, sem prolisadores) nos textos portugueses quinhentistas.

⁴ Sobre o conceito de “gramática em competição”; veja-se Kroch (1989, 2001), Kroch e Taylor (1997, 2000), Lightfoot (1991, 1999), e o excerto abaixo transcrito. Note-se que uma particularidade interessante do caso em discussão no presente estudo é que a variante que veio a desaparecer não era conservadora, embora tivesse presumivelmente as restantes características identificadas por Kroch (2001), o que faria dela uma variante minoritária na comunidade de falantes.

The best-studied cases of long-term syntactic drift are most plausibly cases of grammar competition (that is, syntactic diglossia) in which the competing forms may differ in social register, with an unreflecting vernacular variant slowly driving a conservative written one out of use (...).

This model depends on one of the diglossic variants being more native than the other. This would be true if, for example, it was the native variant for more speakers. It would also be true if the variants differed in social register. If one of the variants belonged to the vernacular (that is, the language learned in infancy), while the other belonged to a superposed prestige language acquired a bit later in life, then the necessary asymmetry would be established. This latter scenario seems particularly likely for the sorts of change that linguistic historians have data on. We are limited to the written language, often of societies with a low rate of literacy and sharp class distinctions in language. In these circumstances, it could easily be the case that the forms in competition in syntactic diglossia represent an opposition between an innovative vernacular and a conservative literary language. Since the former would have both a psycholinguistic advantage and the advantage of numbers, it should win out over time, even in written texts. Under this model, the gradualism found in texts might not reflect any basic mechanism of language change, but rather the psycho and sociolinguistics of bilingualism. (...)

In some cases of change studied quantitatively, there is empirical evidence of register based diglossia behind the evolution of frequencies (Kroch 2001).

⁵ A gramática do português europeu contemporâneo é idêntica à do galego contemporâneo. No entanto, o trabalho inédito de Bestilleiro Bello (2000), realizado no âmbito de um seminário de doutoramento que leccionei na Universidade de Santiago de Compostela, mostra que nos textos galegos, tal como nos textos portugueses, se regista um aumento muito expressivo da frequência da próclise relativamente à ênclise ao longo do período medieval. O corpus analisado por Bestilleiro Bello inclui os documentos galegos publicados por Maia (1986), Tato Plaza (1999), Ferro Couselo (1967), Justo Martín e Lucas Álvarez (1991).

Em face do que hoje sabemos sobre a relevância do conceito de “gramáticas em competição” para a compreensão de processos de mudança linguística sociolinguisticamente complexos, a hipótese é viável e torna, em larga medida, trivial o problema da forma inusitada da linha representada no gráfico I. Mas como testar a hipótese? O trabalho que aqui se apresenta é inicial e exploratório e partiu de uma hipótese secundária: a de que talvez, no período quinhentista, as personagens populares do teatro vicentino deixassem ver a gramática que a maioria dos textos da mesma época esconde⁶. Sem me deter aqui em justificações da escolha do corpus (que identificarei na secção 2), adianto apenas que os resultados mostram um nível quantitativo de realização da ênclise que considero confirmar que no português quinhentista existiam duas gramáticas no que diz respeito à colocação dos pronomes clíticos – comparem-se os dados do gráfico I acima com os do quadro I abaixo. É legítimo supor que esta dualidade não é uma especificidade do português quinhentista. Daqui decorre que a história da colocação dos pronomes clíticos em português terá que ser repensada em função dessa dualidade, ou seja, duas mudanças que correm em paralelo mas que se manifestam nos textos escritos em planos muito desiguais.

	Total de ocorrências	Ênclise	Próclise
Contextos de potencial variação ênclise/próclise	245 100%	177 72,24%	68 27,76%

Quadro I. Ênclise em frases finitas em 48 personagens populares do teatro vicentino

Na secção seguinte, além de identificar o corpus seleccionado e esclarecer os critérios de classificação dos dados, deter-me-ei em particular nas ocorrências de próclise no corpus. Tomando como termo de comparação o português europeu contemporâneo, mostrarei que a próclise aparece nos textos de Gil Vicente em estruturas em que poderia ocorrer também no português contemporâneo, nomeadamente na presença de focos contrastivos antepostos ao verbo e em frases que expressam afirmação enfática. Uma e outra estrutura parecem, no entanto, ser mais produtivas no português quinhentista do que no português contemporâneo, o que se traduz numa maior frequência de uso. Na secção 3, compararei a gramática dos personagens populares de Gil Vicente quer com a gramática do português antigo (duocentista e trecentista) quer com a gramática do português contemporâneo. Isto permitirá mostrar que a gramática “enclítica” também evoluiu ao longo do tempo, embora sem a exuberância da gramática “proclítica/pan-ibérica”, que virá a desaparecer após ter sido durante alguns séculos a gramática de prestígio na sociedade portuguesa⁷. A secção 4 é conclusiva, apontando consequências do presente trabalho e algumas propostas de trabalho futuro. A preceder as referências bibliográficas,

⁶ Por detrás desta hipótese está, obviamente, *A Língua de Gil Vicente*, de Paul Teyssier.

É pela vertente popular da sua obra que Gil Vicente se revela inimitável. (...) Quando explora essa veia popular, Gil Vicente é essencialmente português, esquecendo então as lições aprendidas na leitura dos Castelhanos (...) Após as peças saiaquesas dos começos, esta nova corrente afirma-se com o *Auto da Índia* (1509). Doravante, e até ao fim, jamais se esgotará, apesar da imensa variedade da obra vicentina (...) Gil Vicente não era um humanista, e as grandes renovações que o Renascimento introduziria nas letras e nas artes mal o tocaram. (Teyssier 2005: 607)

Examinámos na primeira parte do presente estudo a linguagem dos lavradores, das alcoviteiras e dos judeus. Cada uma destas categorias de personagens tem uma maneira de falar bem caracterizada. O teatro vicentino, com efeito, interessa-se sobretudo pelos tipos humanos, e essas particularidades de linguagem, esses “indicativos”, são os signos que permitem definir os tipos. Mas notámos de vez em quando imprecisões, como se as fronteiras entre os tipos se apagassem (...) Assim, lavradores, alcoviteiras e judeus fundem-se numa grande família mais geral: a das personagens populares. A esta família pertence também uma multidão de figuras menos diferenciadas: criados, artesãos, comerciantes, frades, porteiros, pagens, sem esquecer os diabos... (Teyssier 2005: 607-608)

⁷ Compreender o que terá levado ao desaparecimento da gramática proclítica exige uma investigação autónoma, em larga medida de história externa da língua, que não cabe no âmbito do presente trabalho. O objectivo deste texto é demonstrar a coexistência de duas gramáticas no português quinhentista e séculos vizinhos, contra o que tem sido dado como adquirido no que diz respeito à história da colocação dos pronomes clíticos em português.

inclui-se um anexo que integra todas as ocorrências de pronomes clíticos em frases finitas com potencial variação ênclise/próclise no corpus analisado. Os exemplos 'E1' a 'E177' atestam a ênclise, os exemplos 'P1' a 'P68' atestam a próclise.

2. A PRÓCLISE EM CONTEXTOS DE POTENCIAL VARIAÇÃO ÊNCLISE/PRÓCLISE: FOCALIZAÇÃO CONTRASTIVA E AFIRMAÇÃO ENFÁTICA

Os dados do anexo apresentado no final do artigo e que conduziram aos resultados quantitativos mostrados no quadro I, isto é, 72,2% de ênclise para 27,8% de próclise, foram obtidos a partir de nove peças e 48 personagens populares de Gil Vicente⁸:

1. Romagem dos Agravados (AGR): João Mortinheira, Marta, Branca, Apariç'Eanes, Giralda, Juliana
2. Quem Tem Farelos (QTF): Apariço, Velha, Isabel
3. Auto da Índia (IND): Moça, Ama, Lemos, Marido
4. Farsa de Inês Pereira, 1523 (FIN): Inês Pereira, Mãe, Lianor Vaz, Pero Marques, Vidal, Moço
5. Barca do Inferno, 1517 (BIN): Sapateiro, Brísida Vaz, Enforcado
6. Juiz da Beira (JDB): Juiz (o Pero Marques da Farsa de Inês Pereira), Porteiro, Ana, Escudeiro⁹, Moço, Preguiçoso, Amador, Brigoso, Bailador
7. Barca do Purgatório (PUR): Lavrador, Marta Gil, Pastor, Moça,
8. Comédia de Rubena (RUB): Parteira, Feiticeira, Ama, Cismena pastorinha, Joane, Pedrinho, Afonsinho, Clita
9. Velho da Horta (VDH): Velho, Moça, Parvo, Branca Gil, Mocinha

A delimitação dos dados quantificados no quadro I fez-se afastando todas as frases finitas com o verbo em posição inicial (estruturas V1), pois nelas a ênclise é categórica¹⁰. Foram igualmente ignorados os casos em que a próclise em frases finitas é obrigatória, excluindo-se assim não só as frases negativas e as orações subordinadas mas também as frases raiz introduzidas por quantificadores, sintagmas *qu-* e advérbios proclisadores. Embora os contextos de próclise obrigatória sejam constantes ao longo do tempo (cf. Martins 1994), o conjunto dos advérbios proclisadores apresenta franjas de instabilidade. Nos dados do corpus foram desconsideradas as frases introduzidas por *agora*, *asinha* e *samica* que parecem ser, à época, desencadeadores de próclise¹¹. Dado que os constituintes focalizados contrastivamente não podem ser rastreados com o mesmo grau de certeza que os restantes elementos desencadeadores de próclise, os casos de provável focali-

⁸ Foi usada a edição em CD-ROM coordenada por Camões (2001). As siglas AGR, QTF, etc., que serão usadas ao longo do texto e no anexo para identificar os exemplos, são as estabelecidas por Teyssier (2005).

⁹ O Escudeiro do Juiz da Beira é referenciado entre os personagens populares por P. Teyssier (2005: 610).

¹⁰ Esta configuração enclítica ocorre com muita frequência nas peças de Gil Vicente estudadas.

¹¹ São 5 as frases em que a próclise é desencadeada por *agora* (3), *asinha* (1) e *samica* (1):

- (i) Agora **me** quero eu rir / disso que me vós dizeis (IND, Ama)
- (ii) Bem sabedes vós marido / quanto vos quero / sempre fostes percebido / pera cervo. / Agora **vos** tomou o demo / com duas lousas. (FIP, Inês Pereira)
- (iii) Agora **me** lembra a mi / onde Marina morava. (JDB, Ana)
- (iv) Ô diabo visses tu / bofé asinha **o** eu direi / como é palreiro Jesu / fora este cucuruco / bom sacretário del rei. (PUR, Marta Gil)
- (v) Samica o nosso cadelo / **os** fez eles derramar / nam sei se os vá buscar / cajuso ao nosso cancelo. (RUB, Cismena pastorinha)

A interpolação de "eu" no exemplo (iv) mostra que *asinha* é um proclisador pois só em contextos de próclise obrigatória a interpolação é possível (Martins 1994). O advérbio *agora* desencadeia a próclise, de forma sistemática, tanto nos textos medievais como nos Sermões de António Vieira (Martins 1994), embora não se comporte como um proclisador no português contemporâneo. No caso de *samica(s)*, que ocorre raramente nos textos (cf. Teyssier 2005: 99-103), é o seu valor semântico (i. e., 'talvez') que me leva a incluí-lo entre os advérbios proclisadores.

zação contrastiva estão entre os 27,8% de próclise exibidos pelo corpus e serão considerados mais adiante.

Dois outros aspectos há que referir relativamente aos critérios de classificação dos dados. Sendo a mesóclise uma mera variante morfológica da ênclise, como revela o facto de mesóclise e ênclise ocorrerem exactamente nas mesmas configurações sintácticas, as ocorrências de mesóclise não foram quantificadas *per se* mas computadas juntamente com a ênclise. Neste trabalho, o termo *ênclise* deve entender-se num sentido amplo que subsume a mesóclise. As frases com o verbo no imperativo não receberam nenhum tratamento especial pois no português medieval e clássico não constituem excepção à potencial variação entre próclise e ênclise (Martins 1994). Que assim é também em Gil Vicente mostram-nos os exemplos seguintes.

- (12) a. Santa dona Breatiz de Sá / *dai-lhe* senhora conforto / porque está seu corpo já / quasi morto (VDH, Branca Gil.)
 b. E vós sentida / santa dona Margarida / de Sousa *lhe socorrê* / se lhe puderdes dar vida / porque está já de partida / sem porquê (VDH, Branca Gil.)
- (13) a. Assi há isso de passar / juiz *mandai-me* pagar. (JDB, Escudeiro.)
 b. Este asno deve ser meu / e vós assi mo julgai / que eu fui honra de meu pai / e assi o provarei eu / o asno juiz *me dai* (JDB, Brigoso.)

Olhando de perto os exemplos P1 a P68 do anexo podemos determinar com alguma segurança que parte dessas ocorrências de próclise correspondem a estruturas frásicas em que há focalização contrastiva do constituinte pré-verbal. Cabem neste grupo as frases apresentadas a título ilustrativo em (14) a (20), mas também os exemplos P2, P3, P7, P10, P11, P24, P25, P26, P28, P40, P48, P50, P51, P52, P58, P59 P67 do anexo¹². Como critério para identificar o constituinte anteposto ao verbo como foco contrastivo, apontamos a possibilidade de parafrasear as frases em análise através de uma estrutura clivada, criando assim uma configuração não ambígua relativamente à identificação do foco contrastivo. A adequação da interpretação resultante ao contexto discursivo é o factor determinante para, na maior parte dos casos, viabilizar a análise (que não dispensa uma certa margem de avaliação subjectiva)¹³. Um indicador mais objectivo – que podemos observar em (20) – é a presença de um elemento interpolado entre o constituinte focalizado e o verbo. Dado que a interpolação é legitimada estritamente em contextos de próclise obrigatória, com o elemento interpolado precedido de um indutor de próclise, o facto de em (20) as palavras “eu” e “assi” ocorrerem entre o clítico e o verbo prova que o complemento verbal “cedo” é um foco contrastivo anteposto e, portanto, um proclisador categórico¹⁴.

- (14) Nam sei a quem ele sai / mas é feito a seu prazer / ele *me matou* meu pai / e meu dono e entam vai / fez morrer minha molher (AGR, João Mortinheira.)
 (i.e.: ‘foi ele que me matou meu pai’)
- (15) Colopêndio *se chamê*le / e tam grande amor deu nele / que o trata bofé mal (AGR, João Mortinheira.)
 (i.e.: ‘É Colopêndio que ele se chama’)

¹² Na frase P3 (“A fortuna todavia *nos tem* que farte agravadas...”), o constituinte focalizado é *a fortuna* (ou seja: ‘é a fortuna, todavia, que nos tem que farte agravadas’). O advérbio *todavia* não é um proclisador e corresponde nesta frase a um constituinte parentético.

¹³ Sobre critérios de identificação da construção de focalização contrastiva, e suas propriedades, veja-se Hernanz e Brucart (1987), Duarte (1997), Zubizarreta (1999), Costa e Martins (no prelo) e as referências apontadas nestes dois trabalhos.

¹⁴ São aqui irrelevantes as especificidades da interpolação de *não*. Sobre esse assunto vejam-se Martins (1994) e Namiuti (2008).

- (16) Sempre tu hás de bailar / e sempre ele há de tanger / se nam tiveres que comer / o tanger *te* há de fartar. (FIP, Mãe.)
(i.e.: 'é o tanger que te há-de fartar')
- (17) Se fosse ò fogo infernal / lá iria todo o mundo / a estoutra barca cá fundo / *me vou* que é mais real / barqueiro mano meus olhos / prancha a Brísida Vaz. (BIN, Brísida Vaz.)
(i.e.: 'a estoutra barca cá fundo é que me vou, que é mais real')
- (18) O asno senhor juiz / qu'estes vem a demandar / a mim *o haveis* de julgar / e o dereito assi o diz (JDB, Amador.)
(i.e.: 'é a mim que o haveis de julgar')
- (19) basto *se sêmea* o nabo / quando florece o agrão / entam canta o tintilhão / e bate a alvela o rabo. (RUB, Feiticeira.)
(i.e.: 'É basto que se sêmea o nabo quando florece o agrão')
- (20) Venhas embora Luzia / e cedo *te* eu assi veja. (FIP, Inês Pereira.)
(i.e.: 'e que seja cedo que te eu assi veja')

As frases (14) a (20) podem ser postas em paralelo com as frases (21) a (28), que pertencem a textos jornalísticos e literários contemporâneos, bem como a produções mais informais. Os constituintes focalizados estão assinalados por sublinhado¹⁵.

- (21) De notícias *se* faz o nosso mundo. (Slogan da RTP-N)
(i.e.: ' são as notícias que fazem o nosso mundo')
- (22) A retórica é a maior arma dos políticos. Com ela *se* elevam, com ela *se* desgraçam. (Jornal *Expresso/Única*, 11/09/2010)
(i.e.: ' é com ela que se elevam, é com ela que se desgraçam')
- (23) Para quem o julgava morto, eis que se mostra vivo. *Alive & kicking*. A estratégia é assumida. Ele *o* disse, quinta-feira, na breve declaração à imprensa que fez em directo da sua residência oficial (Jornal *Expresso*, 20/02/2010)
(i.e.: 'foi ele (próprio) que o disse')
- (24) De súbito, as deusas pararam e fitaram-no risonhas, e, os olhos brilhando como fogo, mediam-no, deitado, da cabeça aos pés. Um cáldio tremor *o* percorreu, e um anseio opresso *lhe* ocupou o peito: suspirou. (Jorge de Sena)¹⁶
(i.e.: 'foi um cáldio tremor o que o percorreu e um anseio opresso que lhe ocupou o peito')
- (25) À luz dos relâmpagos *os* via. (Jorge de Sena)¹⁷
(i.e.: 'era à luz dos relâmpagos que os via')
- (26) A carta já vai longa de mais, e disso *me* penitencio. (João Lobo Antunes)¹⁸
(i.e.: 'é de disso que me penitencio')
- (27) Se o livro saiu bem, a si *se* deve. (Editor/livreiro, mensagem de sms)
(i.e.: 'é a si que se deve')
- (28) Sem mais assunto *me* despeço (Estudante universitário, mensagem de e-mail)
(i.e.: 'é sem ter mais assunto que me despeço')
- (29) De pequenino *se* torce o destino¹⁹
(i.e.: 'é de pequenino que se torce o destino')

¹⁵ Nas frases (21) a (28), a colocação proclítica dos pronomes átonos assinala de forma clara que os constituintes sublinhados se encontram focalizados, já que na ausência de focalização contrastiva a ênclise seria obrigatória. Quer dizer, nenhum dos constituintes que ocorre antes do verbo nestas frases tem em si mesmo propriedades de proclisador. É a posição que ocupa na estrutura da frase (por ser um foco contrastivo anteposto) que determina a emergência da próclise. Cf. a nota 13 acima.

¹⁶ Jorge de Sena, *Os Grão-Capitães*. Exemplo extraído do *Corpus de Referência do Português Contemporâneo* (CRPC) – www.clul.ul.pt.

¹⁷ Jorge de Sena, *Antigas e Novas Andanças do Demónio (Contos)*, Lisboa, Edições 70, 1984 (5ª ed.).

¹⁸ Prefácio a José Cardoso Pires, *De Profundis, Valsa Lenta*, Lisboa, Dom Quixote, 1997 (4ª ed.), pág. 18.

Martins (no prelo) identifica um outro tipo de frases marcadas, e pouco frequentes, que admitem a próclise no português contemporâneo. Trata-se de casos em que uma asserção afirmativa é enfatizada, ganhando o enunciador visibilidade como garante da fidedignidade ou indubitabilidade da asserção produzida, eventualmente contra a expectativa ou as convicções do ouvinte. Nestas frases não existe um constituinte proclisador pois a ênfase recai sobre a polaridade afirmativa da frase, enquanto operador de valor de verdade (aquilo que tem sido designado por *verum focus*), o que torna possível marginalmente, a ocorrência da próclise em posição inicial de frase²⁰. Apesar do carácter claramente marcado destas estruturas e da sua marginalidade em termos de frequência de uso, elas ocorrem tanto em textos literários contemporâneos (exemplos (30a-c)), como no português dialectal (os exemplos (31a-h) são extraídos do CORDIAL-SIN) e, significativamente, também nas variedades do português em África (exemplos (32a-e)). Tanto as variedades dialectais do português europeu como as variedades do português em África apresentam, sem excepção, o tipo de distribuição da ênclise e da próclise em frases finitas que caracteriza o português europeu padrão:

- (30) a. Ora meu pai, a gente **se sacramenta** sozinho, que não são coisas que se façam diante dos outros, como os animais fazem (Jorge de Sena)²¹
 b. Isto que digo, Miguel Torga **o disse**, a seu modo, antes de mim. (António Lobo Antunes, *Visão*, 20/09/2007)
 c. O Nórdico se tem sol, o sol **lhe basta**. (Fernando Namora)²²
- (31) a. [Inquiridor] Como é que chama?
 [Informante] A gente chama-lhe o nascente [nɐrsɛti].
 [Inquiridor] Como?
 [Informante] O nascente [nɐrsɛti]. O nascente [ɪnɐrsɛti].
 [Inquiridor] Diga lá outra vez, faz favor.
 [Informante] A gente **lhe chama** nascente [ɪnɐrsɛti]. (Serpa, Alentejo)
- b. Os três nome **se emprega** (Alcochete, Estremadura)
 c. Às vezes **me junto** com os meus amigos (Santo André, Vila Real)
 d. Homem, tu **o viste** no outro dia, por que é que queres tornar a ver? (Pico, Açores)
 e. **Se muda** a água com uma enxada (Serpa, Alentejo)
 f. **Me enganaste?**! (Melides, Alentejo)
 g. Bem disse o rapaz: "**Se mete** como está este coiso" (Alvor, Algarve)
 h. Depois os foles – **lhe chamam** – enchem-se (Fiscal, Minho)
- (32) a. Mano, ela **me cansou**. (Português de Moçambique. Justino 2010)
 b. **Me disseste** que era segredo, não meterias a foto dele no facebook, **me mentiste** (Português de Angola, Domingos 2010)
 c. Fuguh, vi essa foto e **te identifiquei** bem rápido. (*Idem*)
 d. Eu consegui conviver com a população, consegui mergulhar onde há pobreza em Nigéria, as pessoas **me olhavam** com bons olhos. (Português de São Tomé. Gonçalves 2009)
 e. No meu caso, eu não estou a conseguir envolver com nenhum homem porque homem são-tomense é muito maldoso. Eles acham que nós somos escrava deles, **nos maltratam** muito. (*Idem*)

¹⁹ Letra de Sérgio Godinho baseada no provérbio *De pequenino se torce o pepino*.

²⁰ Note-se que a polaridade afirmativa não tem realização visível, através de um item lexical com valor afirmativo, diferentemente do que acontece nas frases negativas. Sobre o conceito de *verum focus*, veja-se Höhler (1992), Romero e Chung-hye Han (2004), Romero (2006), Leonetti e Escandell Vidal (2009), entre outros. Para uma abordagem comparativa das línguas ibéricas relativamente a estratégias sintácticas de expressão da afirmação enfática, veja-se Martins (2006).

²¹ Jorge de Sena, *Antigas e Novas Andanças do Demónio (Contos)*, Lisboa, Edições 70, 1984 (5ª ed.).

²² Fernando Namora, *Os Adoradores do Sol*. Exemplo extraído do *Corpus de Referência do Português Contemporâneo (CRPC)* – www.clul.ul.pt.

No conjunto de 68 exemplos de próclise do corpus identificámos 22 que parecem ser casos de focalização contrastiva. Os restantes 44 podem ser interpretados como estruturas em que há ênfase sobre a polaridade afirmativa, ainda que esta interpretação não seja, naturalmente, obrigatória. O que me importa aqui fazer notar é que é possível que a distribuição da próclise e da ênclise em frases finitas nas personagens populares vicentinas estudadas não se distinga da distribuição da próclise e da ênclise nas frases finitas do português contemporâneo.

A favor da análise que estou a propor pode talvez jogar o facto de na esmagadora maioria das 44 frases relevantes estar gramaticalmente expresso um traço de primeira pessoa do singular (pondo em evidência a relação entre ênfase e enunciador), ou através do pronome sujeito *eu* (20 ocorrências, ilustradas em (33)), ou através do clítico dativo *me* (18 ocorrências, exemplificadas em (34)). A marcação explícita da primeira pessoa pode ainda ser garantida, ocasionalmente, pelo possessivo *meu* (cf. (35)) ou pelo traço de primeira pessoa no verbo, em frases com sujeito nulo.

- (33) a. *Eu to direi* muito prestes / o frade é frei Narciso / e vem cá muito queixoso / porque o nam fizeram bispo (AGR, Branca)
 b. *Eu te farei* amassar. (QTF, Velha)
 c. *Eu me irei* ao cardeal (FIP, Lianor Vaz)
 d. *Eu vos trago* um bom marido / rico honrado conhecido / diz que em camisa vos quer. (FIP, Lianor Vaz)
 e. *Eu o estou* cá pintando / sabeis mãe que eu adivinho / deve ser um vilanzinho / ei-lo se vem penteando será com algum ancinho. (FIP, Inês Pereira)
 f. *Eu Pero Marques me digo* / como meu pai que Deos tem. (FIP, Pero Marques)
 g. *Eu me vou* desenfadar / com essas moças lá fora (FIP, Moço)
 h. *Eu te direi* que ele diz / que fui bem aventurado / em morrer dependurado / como o tordo na buiz / e diz que os feitos que eu fiz / me fazem calonzado. (BIN, Enforcado)
 i. *Eu lhe trazia* das bodas / sempre o capelo atestado / de figos de carne e pão. (JDB, Bailador)
 j. Pois que me pedis ciúmes / eu *vo-lo farei* verdade. (VDH, Velho)
- (34) a. Dixeram-mo por mui certo / que é certo que fica cá / o Concelos *me faz* isto. (IND, Moça)
 Pero Marques vosso amigo / que ora estou na nossa aldeia / mesmo na vossa mercea / *me encomendo* (FIP, carta de Pero Marques)
 b. Sapatos *me daria* ele / se me vós dêsseis dinheiro. (FIP, Moço)
 c. Jesu Jesu tam asinha / isso *me haveis* de dizer / quem perdeu um tal marido / tam discreto e tam sabido e tam amigo de minha vida. (FIP, Inês Pereira)
 d. Pois eu hei só de cantar / e vós *me respondereis* / cada vez que eu acabar: / pois assi se fazem as cousas (FIP, Inês Pereira)
 e. Marido cuco *me levades* / e mais duas lousas. (FIP, Inês Pereira)
 f. Ufá o asno *me darão* / porque o tenho bem ganhado. (JDB, Bailador)
- (35) a. E no passo derradeiro / *me disse* nos meus ouvidos / que o lugar dos escolhidos / era a forca e o Limoeiro. (BIN, Enforcado)
 b. Ó senhora / como sei que estais agora / sem saber minha saudade. / Ó senhora matadora / *meu coração vos adora* / de vontade. (VDH, Velho)

No século XVII, a próclise em frases com o pronome *eu* como sujeito está bem representada em Vieira (cf. Martins 1994)²³. Salvi (1990) notou também que é neste tipo de frases que a

²³ Vejam-se os seguintes exemplos de Vieira (1679-1748):

(i) E quem quer ver o presente para onde há-de olhar? Não o disse Salomão, mas *eu o direi*. (II, 164)

(ii) E se quiserdes para esta grande empreza um corpo ou hieroglyfo natural, não notado por Plínio ou Marco Varro, senão por Auctor divino e canónico, *eu vol-o darei*. (II, 182)

próclise em frases finitas sem a presença de proclisadores tem maior visibilidade em autores oitocentistas.

Gli ess. di proclisi negli autori del xix sec. si hanno in passaggi di tono elevato o, in maniera caratteristica, com *verba discendi* preceduti da un soggetto pronominale (in genere *eu*): (i) *E eu l'he digo porquê...* (Eça, p. 54). (cf. Salvi 1990: 199)

No português europeu contemporâneo não parece haver uma relação entre a legitimação das estruturas de afirmação enfática que fazem emergir a próclise e a expressão gramatical do traço de primeira pessoa do singular²⁴. Tal facto parece indicar que a sintaxe destas estruturas parcialmente se alterou, o que poderá estar associado à marginalidade crescente do seu uso, a par do acentuar da sua natureza marcada. Neste aspecto há um claro paralelismo com a construção de focalização contrastiva que a evidência textual mostra ter sido pelo menos até ao século XVII mais produtiva do que é hoje²⁵. Sem ser objectivo deste trabalho estudar a diacronia das estruturas com focos contrastivos antepostos nem das estruturas em que a ênfase sobre a polaridade afirmativa legitima a próclise, deixo em aberto a hipótese de o decréscimo da frequência da próclise em frases finitas sem palavras proclisadoras (i.e. negação, quantificadores, elementos *qu-* e certos advérbios) ser o efeito de mudanças nas estruturas de focalização e afirmação enfática e não na sintaxe dos clíticos.

Note-se que o gráfico I, na pág. 83, regista 15% de próclise no início do século XX. Sendo consensual que a gramática dessa época é, no que diz respeito à colocação dos clíticos, a do português contemporâneo, esse valor cobrirá, presumivelmente, casos de focalização contrastiva e de afirmação enfática, mostrando a menor frequência dessas estruturas relativamente ao que se observa no corpus vicentino estudado²⁶.

3. A GRAMÁTICA DOS PERSONAGENS POPULARES DE GIL VICENTE EM CONFRONTO COM O PORTUGUÊS ANTIGO E O PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

Chegados a este ponto, perguntamo-nos se a gramática que os personagens populares de Gil Vicente nos revelam é a do português contemporâneo, ou se será antes a do português duocentista e trecentista, quando a ênclise nos contextos que aqui nos interessam era, sem excepção, a opção mais representada nos textos. Perguntamo-nos ainda se para além da frequência relativa da ênclise e da próclise, haverá algum outro indicador que nos permita identificar a gramática “enclítica” na época em que tem uma expressão muito limitada na produção textual. Abordaremos agora cada uma destas questões.

(iii) Não vos parece que é terrível coisa ser a morte momentânea? Não vos parece que é terrível momento este? Pois *eu vos digo* que nem é terrível, nem é momento, para quem souber fazer pé atrás, e acabar a vida antes de morrer (II, 189)

(iv) Se o Evangelista me não dissera que esta acção ou modo de levar era do demonio, *eu me atrevera* a afirmar com toda a segurança que a tal condução era sua (II, 386)

²⁴ Os exemplos (32a) a (32e), no entanto, fazem-nos pensar que pode valer a pena investigar as variedades do português em África nesta perspectiva.

²⁵ Sobre possíveis factores por detrás do decréscimo da produtividade da construção de focalização, veja-se Martins (2001: 35-42) e Costa e Martins (no prelo).

²⁶ Além da expressão gramatical da primeira pessoa do singular, um outro factor que valerá a pena investigar como potencialmente favorecedor da emergência da próclise em frases finitas, é a presença de formas verbais do futuro do indicativo. No corpus analisado (cf. anexo), o futuro ocorre mais frequentemente nas frases com próclise do que nas frases com ênclise/mesóclise – 17,6% (12/68) e 10,7% (19/177) respectivamente. Precisaríamos de um corpus mais extenso para poder determinar se esta diferença é significativa. Na *Arte de Cozinha*, de 1680, texto que revela uma gramática claramente “enclítica”, Rocha (2009) observou que a próclise ocorre de forma sistemática com as formas verbais de futuro como estratégia para evitar a mesóclise. Não é esse o caso em Gil Vicente.

A) A gramática dos personagens populares de Gil Vicente é a do português contemporâneo? A resposta a esta pergunta é negativa, não só porque os textos vicentinos revelam uma frequência da próclise em contextos marcados (focalização contrastiva e afirmação enfática) muito superior à que poderemos encontrar nos textos portugueses contemporâneos, mas também porque a interpolação em Gil Vicente é ainda, claramente, a do português antigo.

A interpolação regista-se nos textos vicentinos em orações subordinadas e em outros contextos de próclise obrigatória, como acontece ao longo de todo o período medieval (cf. Martins (1994) e Namiuti (2008), entre outros). Os elementos interpolados são frequentemente o advérbio de negação *não* (interpolação que o padrão europeu ainda hoje permite), os pronomes pessoais sujeito e outros elementos deícticos, palavras negativas, sujeitos não pronominais e, mais raramente, complementos verbais antepostos.

Se a interpolação em Gil Vicente se restringisse ao marcador de negação predicativa e aos deícticos pessoais, locativos, temporais e modais teríamos uma gramática semelhante à dos actuais dialectos do português europeu. Mas isso seria totalmente inesperado depois de Magro (2007) ter demonstrado que a interpolação dialectal contemporânea é uma inovação do século XIX e não a continuação da interpolação do português antigo, da qual se distingue, na essência, por ser um processo pós-sintáctico de “metátese” (no sentido de Harris e Halle (2005)).

Os exemplos em (36), só por si, não permitiriam distinguir a interpolação vicentina da interpolação dialectal contemporânea, mas o exemplos em (37) separam os dois tipos de interpolação com toda a clareza. De facto, nem as palavras negativas *nunca* e *ninguém*, nem os sintagmas nominais sujeito *Deos, o cura, o demo*, nem o complemento preposicional anteposto *em tal presa* poderiam ocorrer entre o clítico e o verbo nos actuais dialectos portugueses, que restringem a interpolação aos deícticos e ao marcador de negação predicativa. (cf. Magro 2007).

- (36) a. Ò diabo que t'eu dou / que tam má cabeça tens (QTF, Apariço)
 b. Sapatos *me daria* ele / se *me vós désseis* dinheiro. (FIP, Moço)
 c. Que prazer / quem *vos isso ouvir* dizer / cuidará que estais vós vivo (VDH, Moça)
 d. Nam senhora / eu virei logo ness'hora / se *m'eu lá nam detiver*. (IND, Moça)
 e. Mas que vos tome inda o demo / se *vos já nam tem* tomado. (VDH, Vellha)
 f. Venhas embora Luzia / e cedo *te eu assi veja*. (FIP, Inês Pereira.)
- (37) a. Quero fiar e cantar / segura de o nunca ver. (IND, Ama)
 b. Porém pude-me valer / sem *me ninguém acudir* (FIP, Lianor Vaz)
 c. Determino de partir / ante que venha o Inverno / porque vós nam dais governo / pera *vos ninguém servir*. (FIP, Moço)
 d. Nom há mercê que *me Deos faça?* / Isto u xiquer irá. (BIN, Sapateiro)
 e. Nam tem mais de dous vinténs / que *lhe hoje o cura emprestou*. (QTF, Apariço)
 f. Se estivera de maneira / sem ser rouca bradar'eu / mas logo *mo demou deu* / cadarrão e peitogueira (FIP, Lianor Vaz)
 g. nunca *m'em tal pressa vi* / mas ou aqui ou ali / bem vedes meu acidente (RUB, Parteira)

B) A gramática dos personagens populares de Gil Vicente é a do português antigo? Tomando aqui *português antigo* na sua acepção mais restritiva, a resposta a esta pergunta volta a ser negativa. O português vicentino não se comporta como o português dos textos duocentistas e trecentistas no que diz respeito à chamada “restrição V1”, apresentando antes o tipo de atenuação desta restrição que caracteriza os séculos XV e seguintes.

No português dos primeiros textos só a ênclise era permitida em estruturas com o verbo em posição inicial, de acordo com a restrição que exclui os pronomes clíticos da primeira posição na frase (a chamada *lei Tobler-Mussafla*). No século XIII, a restrição aplica-se não só à posição inicial

absoluta, mas também à primeira posição depois de uma conjunção copulativa (em estruturas de coordenação frásica), depois de uma oração subordinada anteposta e depois de um tópico retomado pelo pronome clítico (na construção de *Deslocação à Esquerda Clítica*).

A partir da segunda metade do século XIV, a próclise passa a ser possível na posição inicial de uma frase coordenada, como mostram os exemplos em (38). A partir do final do século XV passa a encontrar-se também nas estruturas com anteposição de uma oração subordinada e ainda nas configurações de *Deslocação à Esquerda Clítica*, como mostram os exemplos em (39) e (40) respectivamente²⁷.

- (38) a. E eu dicto Giral Dominguis uos dou pera senpre eno dicto preço a dicta casa que chamã Camara que sta no dicto eyxido que eu cõprey ao dicto Domígos do Monte e ffacades dela o que uos aprouger E a *tapedes* eu e uós pera nõ aueren sayda contra a dicta mha casa e eyxido (doc. notarial de 1353. Martins 2001: 209)
- b. E fficou o dito Affonso Martijz e sa molher por tornar ao dito Rodrigo cem libras as quaes partições os ssobreditos outorgarõ que cada hũu ouuesse a sa partiçõ cõ todas sas entradas e saidas e derejtos e pertẽças e cõ todos seus êcarregos pera todo senpre E as *ouuerõ* por firmes e estaujs pera senpre e prometerõ de nõ hir contra elas (doc. notarial de 1370. Martins 2001: 448)
- (39) a. E visto por mjm seu dizer e pedir porquanto fuj certo (...) que o dicto prazo he factõ a proueito do dicto Mosteiro *lhe dey* e dou mjnha autoridade ordinarja (doc. notarial de 1489. Martins 2001: 287)
- b. E visto per mjm seu dizer e pedir porquanto ffuj certo (...) que o dicto prazo he factõ en proueito do dito mosteiro *ho confirmo* e mando que se conpra como em elle faz mencom (doc. notarial de 1499. Martins 2001: 293)
- c. Aa quall Catarjna Periz eu taballjam lly o prazo atras esprito e lljdo *lhe fiz* pergunta se o outorgaua ella asy e da maneja que em elle se cõtem (doc. notarial de 1522. Martins 2001: 307)
- (40) a. Aos que imda lá sam, *lhe tenho* dado seguros e lhe mando agora noteficar ho voso perdam (Afonso de Albuquerque ca.1462-1515. In Pato 1884: 94)
- b. Algũas cousas mevdas de quaa da lmdia, que será necessareas sabelas vossalteza, *as esprevo* aquy nesta carta gramde (*Idem*. In Pato 1984: 29)

Poderia pensar-se que o progressivo estreitamente do âmbito da restrição V1 seria um traço caracterizador da gramática “proclítica”, identificando a sua progressiva evolução no sentido da generalização da próclise. No entanto, o corpus vicentino que estudámos mostra que assim não é. Apesar de a ênclise ser dominante nos contextos de potencial variação ênclise/próclise, a próclise atesta-se nas falas dos personagens populares de Gil Vicente tanto na primeira posição de frases coordenadas como em estruturas de *Deslocação à Esquerda Clítica*:

- (41) Amen por tua grandeza / e *nos livre* tua alteza / da tristeza sem medida (VDH, Velho)
- (42) a. E ùa manta d’Alentejo / que na minha cama tinha / manta já usadazinha / *ma levou* com tal despejo / como s’ela fora minha (JDB, Escudeiro)
- b. Dum que põe polas trincheiras / *lhe merquei* eu dez salseiras / que lh’avondarão um mês. (AGR, Apariç’Eanes)

No configuração de *Deslocação à Esquerda Clítica*, a próclise também ocorre na *Arte de Cozinha*, um texto de 1680 estudado por Nilzete Rocha (2009) e que se caracteriza por ser fortemente

²⁷ Muito raramente, um clítico pode ainda ocorrer em posição inicial absoluta, como nos seguintes exemplos do texto quatrocentista *Vida e Feitos de Júlio César*:

(i) *Me bastava* de ti ser igual, e não quisera mais de ti ser senhor. (*Apud* van der Eijk 1989: 47)
Ora me díz: *te queiras* tu ter em paz e leixar pelejar os outros, ou te queiras tu ter a Cesar ou a Pompeu? (*Idem*)

“enclítico” (cf. (43)). Ainda mais importante é o facto de os dialectos do português europeu contemporâneo não se conformarem estritamente à restrição V1 (vejam-se os exemplos em (44)), demonstrando que a possibilidade de um clítico ocorrer em posição inicial não é propriedade exclusiva das variedades linguísticas que tornaram a próclise categórica nas frases finitas, como o espanhol, o catalão ou o italiano —cf. Magro (2007: 247), Martins (no prelo).

(43) Um lombo de vaca depois de haver estado de conserva, *o assarão* no espeto (Rocha 2009: 82)

(44) a. *Se muda* a água com uma enxada. (CORDIAL-SIN, Serpa, Alentejo)

b. *Me enganaste?!* (CORDIAL-SIN, Melides, Alentejo)

c. Bem disse o rapaz: “*Se mete* como está este coiso”. (CORDIAL-SIN, Alvor, Algarve)

d. Isto era aquela parte da bacia – *lhe chamavam* eles a bacia –, com trinta centímetros assim de altura, e nós púnhamos aqui o vinho. (CORDIAL-SIN, Serpa, Alentejo)

e. Depois, os foles – *lhe chamam* – enchem-se. (CORDIAL-SIN, Fiscal, Minho)

f. A cabo de, *se pode* dizer, antes dum ano, tive um menino mas estive muito mal, o menino morreu. (CORDIAL-SIN, Porto Santo, Madeira)

g. Se ele fosse muito, *o levaria* aos poucos. (CORDIAL-SIN, Arcos de Valdevez, Minho)

h. Depois de estarem os ovinhos mexidinhos, *se deita* a farinha, deita a levedurazinha e depois é que vai amassando. (CORDIAL-SIN, Pico, Açores)

Pode concluir-se a partir das respostas às perguntas A) e B) que a gramática “enclítica” evoluiu ao longo do tempo, ainda que não tenha mudado de forma tão dramática como a gramática “proclítica” (cuja evolução até ao séc. XVI o gráfico 1 retrata). A sintaxe dos clíticos nos personagens populares de Gil Vicente apresenta assim traços característicos, e diferenciadores quer em relação aos textos portugueses mais antigos quer em relação ao português contemporâneo. Não deixa contudo de revelar a linha de continuidade entre os primeiros textos e o português contemporâneo que o gráfico 1 parece contrariar.

C) Quais são os indicadores que permitem identificar a gramática “enclítica” durante o período em que a gramática “proclítica” é dominante?

O indicador por excelência é quantitativo, e obtém-se medindo a frequência relativa da próclise e de ênclise nas frases finitas afirmativas sem a presença de proclisadores, ou seja, as frases em que pode ocorrer a variação entre ênclise e próclise. Embora tal variação se registre em todos os períodos da história do português, raramente há um equilíbrio quantitativo entre as duas opções. Normalmente, será dominante ou a ênclise ou a próclise e isso vai indicar-nos que tipo de gramática um texto particular reflecte.

Um outro indicador será, talvez, a ocorrência marginal da ênclise nos contextos em que a próclise é o padrão de colocação normal. Sempre com frequência extremamente baixa, a ênclise está atestada em orações subordinadas finitas no português antigo (Mattos e Silva 1989, van der Eijk 1999, Ribeiro 1995), no português dos séculos XVI a XIX (Said Ali 1908, Lopes 2010), na primeira metade do século XX (Figueiredo 1944) e no português contemporâneo, incluindo o português literário (Martins (no prelo)), o português dialectal (Mizunuma (2009) e CORDIAL-SIN) e as variedades africanas do português (Gonçalves 2009, Justino 2010, Domingos 2010)²⁸.

²⁸ Além das variedades do português mencionadas, a ênclise em orações subordinadas encontra-se também no galego antigo e contemporâneo (Ogando 1980, Álvarez e Xove 2002), no espanhol e catalão antigos (Granberg 1988, Fischer 2001, Batllori, Iglésias e Martins 2005) e no astur-leonés contemporâneo (González i Planas (2007), Fernández-Rubiera (2009)). A colocação enclítica não se encontra, contudo, em todos os tipos de subordinadas. No topo da lista estão as completivas com verbo no indicativo, que permitem a ênclise em todas as variedades linguísticas acima apontadas, depois vêm as relativas, que só no português padrão excluem a ênclise (e que eram um contexto de ênclise frequente no catalão medieval), depois as estruturas clivadas, as orações consecutivas e as orações subordinadas temporais, domínios onde a ênclise tem sido assinalada mais pontualmente. A ênclise em orações condicionais foi registada por Mizunuma (2009) nos dialectos açorianos.

Igualmente nas frases raiz afirmativas com proclisadores, pode emergir ocasionalmente a ênclise, embora estes casos não estejam ainda descritos de forma suficientemente elucidativa²⁹.

Tanto quando podemos saber a partir da observação e descrição de dados de corpora (com resultados reportados em diferentes estudos), há uma margem de variação na colocação dos clíticos em contextos tipicamente proclíticos que se caracteriza por ser, ao mesmo tempo, quantitativamente muito pouco expressiva e diacronicamente estável. Ou seja, não há ao longo do tempo alteração, diminuição ou qualquer tipo de estreitamento dos contextos sintácticos da próclise, mas há de forma constante uma pequeníssima margem de permeabilidade desses ambientes proclíticos à ênclise. A hipótese que aqui coloco é que este seja, e tenha sido sempre, um traço característico da gramática “ênclítica” do português europeu, mas não da gramática “proclítica” que floresceu até ao século XVI e entrou num processo de progressiva e lenta extinção a partir daí. Se assim for, esperamos encontrar nos textos mais “ênclíticos” dos séculos XV, XVI e XVII exemplos de ênclise fora dos seus contextos típicos. Os exemplos (45) a (47) mostram-nos que, de facto, isso se verifica nos textos vicentinos, nomeadamente em orações subordinadas completivas, em subordinadas causais e em frases raiz com proclisadores. Nas frases de (45) observa-se a ênclise em orações completivas, mesmo em configurações de adjacência entre o complementador e o verbo. Na frase (47) há ênclise apesar da presença em posição pré-verbal do advérbio proclisador *já*.

- (45) a. E mais digo: / digo que *benza-vos* Deos / que vos fez de tam bom jeito (FIP, carta de Pero Marques)
 b. Ora escutade lá / seredes João de Tomar / que depois de morto *já* / diz que *punha-se* a mijar? (Auto dos Físicos, Brásia)
 c. Ora assi que de maneira / minha hóspeda Inês Pereira / Deos a benza sabe ler / e quanto me faz mister / pera eu ir pola carreira / de que eu contente sam / soma avonda que assi / *lê-me* ela o caderno ali / onde sé a ordenação / de cabo a rabo em par de mi. (JDB, Juiz)
- (46) olhade cá filha amiga / feiteira haveis mister / porque quereis que vos diga / *ver-vos-edes* em fadiga / se vosso pai cá vier. . (RUB, Parteira)
- (47) Já *fizessem-me* ora bispo, / siquer do ilhéu de Peniche, / pois sam frade pera isso (AGR, Narciso)

Testar a hipótese apresentada exigirá muito trabalho de investigação. A muito baixa frequência dos casos de ênclise de que estamos a falar tem como consequência que só a obtenção de dados quantitativos em corpora de grande dimensão poderá permitir determinar o que é, nesta matéria, um limiar quantitativamente significativo.

Uma outra forma de abordar o problema será analisar com suficientemente finura os diferentes tipos de contextos de próclise permeáveis à ênclise, tentando encontrar, numa base de observação qualitativa, exactamente aqueles que poderão constituir o tipo de indicador preciso que procuramos.

Apresentam-se a seguir exemplos de ênclise em orações subordinadas completivas, consecutivas e clivadas no português literário contemporâneo:

- (i) O meu primo diz que lá elas *lavam-se* antes e depois (Jorge de Sena, *Sinais de Fogo*. Exemplo extraído do *Corpus de Referência do Português Contemporâneo* (CRPC) – www.clul.ul.pt.)
 (ii) Fê-la girar no chão com tanta violência que os membros estreitos da garota *embrulharam-se* uns nos outros como fios de esparguete (António Lobo Antunes, *Fado Alexandrino*. *Idem*)
 (iii) Ela devassava tão apaixonadamente os gestos das pessoas, e sobretudo tratando-se de bichos, que nesse momento *lia-se-lhe* nos olhos uma profunda gratidão (Fernando Namora, *O Trigo e o Joio*. *Idem*)
 (iv) Mas o pior é que nesta dança repentina o corpo *falha-lhe* (José Cardoso Pires, *O Hóspede de Job*. *Idem*)

²⁹ Cf. Duarte e Matos (2000), para o português contemporâneo, e Martins (1994), Ogando (1980), respectivamente para o português e galego antigos.

4. CONCLUSÃO

Neste trabalho mostrámos que no português quinhentista, época de predomínio esmagador da próclise em frases finitas nos textos portugueses, o teatro vicentino testemunha que uma outra gramática mais enclítica, e portanto mais afim quer do português antigo quer do português europeu contemporâneo, tinha também existência.

A desigual visibilidade das duas gramáticas nos textos quinhentistas decorrerá do seu diferente estatuto sociolinguístico. É a menos visível delas que podemos encontrar nas falas dos personagens populares de Gil Vicente, e é essa a gramática que constitui o “elo (quase) perdido” do percurso evolutivo do português antigo ao português europeu contemporâneo. A gramática quinhentista que domina a produção textual decorre, por sua vez, de um caminho evolutivo que parece ter sido comum a todas as línguas ibéricas, mas que não teve continuidade em Portugal e na Galiza. Esta gramática a que poderemos chamar “pan-ibérica” foi perdendo espaço a partir do século XVII, até se extinguir, apesar da posição de vantagem que durante séculos manteve relativamente à gramática mais “enclítica” e popular.

O cenário para a história da colocação dos pronomes clíticos que aqui sugiro permite-nos repensar a evidência textual numa nova perspectiva. Um primeiro passo do trabalho a desenvolver será identificar textos que claramente reflectam a gramática “enclítica” durante o período em que tem menor expressão textual, ou seja, entre o século XV e o século XVII. Para o século XVII estão já identificados os Sermões de António Vieira (Martins 1994) e a *Arte de Cozinha* de Domingos Rodrigues (Rocha 2009)³⁰. Para o século XV, face aos dados quantitativos apresentados por Salvi (1990) relativamente ao par ênclise/próclise na *Crónica de D. Pedro*, Fernão Lopes parece ser o lugar para onde olhar. Para o século XVI, há que estudar todo o teatro vicentino em português. Um resultado muito apetecível seria a verificação de que nem todas as personagens vicentinas são ‘populares’ na colocação dos pronomes clíticos. Mas esse é um assunto para trabalho futuro.

ANEXO

A) ÊNCLISE em frases finitas (contextos de potencial variação ênclise/próclise, e orações subordinadas)

- E1 Quereis-mo padre ensinar / e *dar-vos-ei* quanto tenho? (AGR, João Mortinheira)
- E2 Casade-a ora ui *casade-a* ora / que é um mancebo de rosas / antes que se afaste afora (AGR, Marta)
- E3 Ora olhai ouvi ouvi / que me foi a rodear / havias tu de buscar / com que pôr a culpa a mi / e *queres-te* a ti salvar. (AGR, Branca)
- E4 Eles são os presidentes / e os mesmos requerentes / e se lhes dizeis que é mal / tornam a culpa ao sinal / e eles *fazem-se* inacentes. (AGR, Branca)
- E5 fidalgo por seu dolor / que sabe a brívia de cor / e nam acerta a Ave Maria / andav'ele namorado / e por màora dizer ai / *dezia-lhe* guai (AGR, Branca)
- E6 e por dizer minha senhora / *chamava-lhe* minha sinoga / este é o negro de seu pai. (AGR, Branca)
- E7 Dizei padre frei chocalho / tudo vós isso aprendestes / cebolinho e espinafre / já vo-la barba nace / ora *ouve-lhe* o sermão (AGR, Marta)

³⁰ Para um ponto da situação da polémica em torno da interpretação da sintaxe dos clíticos em Vieira, veja-se Rocha (2009). O contraste entre o Vieira “proclítico” das Cartas e o Vieira “enclítico” dos Sermões, interpreto-o como um caso exemplar de *diglossia interiorizada* (Lightfoot 1991) num contexto sociolinguístico de competição entre gramáticas (Kroch 1989, 2001).

- E8 e *tangede-lhe* o atabaque / nam caia ponde-lhe a mão. (AGR, Marta)
- E9 Vamos nossa romaria / que é grã perda perder tempo / e mais *vai-se* a companhia. (AGR, Branca)
- E10 Ou *crê-me* Marta do Rego / este casamento é feito / já a burrinha jaz no pego (AGR, Branca)
- E11 e os padres verdadeiros / cartuxos de santa vida / *apanham-me* os travesseiros / com mais ira que os rendeiros / sem me rezão ser ouvida. (AGR, Apariç'Eanes)
- E12 e *merquei-lhe* dum judeu / duns torrões brancos que i há / nam sei que nome é o seu / alvaiade creo eu / que o ele chamam cá. (AGR, Apariç'Eanes)
- E13 E *merquei-lhe* das tendeiiras / rebiquelhe genoês (AGR, Apariç'Eanes)
- E14 Quant'a se isso fosse assi / *espantar-m'ia* eu de mi / nam pasmar d'homem finado (AGR, Giralda)
- E15 Digo que sam tam medrosa / dos mortos *livre-nos* Deos / que nam creo a morte vossa. (AGR, Giralda)
- E16 E o meu Brás *quer-se* enforcar / porque me casam no Porto. (AGR, Juliana)
- E17 Dize *rogo-to* e veremos. (AGR, Juliana)
- E18 Porque há i / rascões e outros de paço / e as cachopas *dão-lhes* d'azo / entances buscai per i / e tomai raposa em laço. (AGR, João Mortinheira)
- E19 Chama-se Aires Rosado / eu *chamo-lhe* asno pelado / quando me faz mais lavor. (QTF, Apariço)
- E20 Isabel tu fazes isto / tudo isto sai de ti / Isabel *guar-te* de mi / que tu tens a culpa disto. (QTF, Velha)
- E21 Ui pois *jeita-te* ao fiar / estopa ou linho ou algodão / ou tecer se vem à mão. (QTF, Velha)
- E22 tecedeira viu alguém / que nam fosse bolíçosa / cantadeira presuntuosa / e nam tem nunca vintém / quando lhe quebra o fio / renega coma beleguim / mãe *deixai-me* vós a mim / vereis como me atavio. (QTF, Isabel)
- E23 Ou quando ele vier / *dai-me* do que vos trouxer. (IND, Moça)
- E24 Milhor senhor sê tu comigo / à hora de minha morte / que eu faça tam peca sorte / *garde-me* Deos de tal perigo. (IND, Ama)
- E25 Vá esta moça à Ribeira / e *traga-a* cá toda enteira / que toda s' há de gastar. (IND, Lemos)
- E26 E eu *posso-vos* mais fazer? (IND, Ama)
- E27 Pois casa se t'eu caiar / *mate-me* quem me pariu. (IND, Ama)
- E28 E eu *fui-me* de madrugada / à Senhora d'Oliveira (IND, Ama)
- E29 e com a memória da cruz / *fiz-lhe* dizer ùa missa (IND, Ama)
- E30 e *prometi-vos* em camisa / a santa Maria da Luz. (IND, Ama)
- E31 Vamo-la *rogo-vo-lo* ver. (IND, Ama)
- E32 Acaba esse travesseiro. / Ui *naceu-te* algum unheiro / ou cuidas que é dia santo? (FIP, mãe)
- E33 Mas eu mãe sam aguçosa / e vós *dais-vos* de vagar. (FIP, Inês Pereira)
- E34 E ela *vem-se* benzendo. (FIP, Inês Pereira)
- E35 Quando viu revolta a voda / foi e *esfarrapou-me* toda / o cabeção da camisa. (FIP, Mãe)
- E36 tomou-me tamanho riso / riso em todo meu siso / e ele *deixou-me* logo. (FIP, Mãe)
- E37 se estivera de maneira / sem ser rouca bradara eu / mas logo o demo me deu / cadarrão e peitogueira / cócegas e cor de rir / e coxa pera fugir / e fraca pera vencer / porém *pude-me* valer / sem me ninguém acudir (FIP, Lianor Vaz)
- E38 Mana *conhecia-t'ele?* (FIP, Mãe)
- E39 Mas *queria-me* conhecer. (FIP, Lianor Vaz)
- E40 e *far-lh'-ei* assi mesura (FIP, Lianor Vaz)

- E41 e *contar-lh'-ei* a aventura / que achei no meu olival. (FIP, Lianor Vaz)
- E42 e mais no meo da requesta / veo um homem de ùa besta / que em vê-lo vi o paraíso / e *soltou-me* porque vinha / bem contra sua vontade (FIP, Lianor Vaz)
- E43 porém a falar verdade / já eu andava cansadinha. / Nam me valia rogar / nem me valia chamar / áque de Vasco de Fóis / *acudi-me* como sóis (FIP, Lianor Vaz)
- E44 Deras-lhe màora boa / e *mordera-lo* na coroa. (FIP, Mãe)
- E45 e mais digo: / digo que *benza-vos* Deos / que vos fez de tam bom jeito (FIP, carta de Pero Marques)
- E46 e *rogo-vos* como amiga / que samicas vós sereis / que de parte me faleis / antes que outrem vo-lo diga. (FIP, carta de Pero Marques)
- E47 Si / venha e *veja-me* a mi. (FIP, Inês Pereira)
- E48 Faleceu *perdoe-lhe* Deos / que fora bem escusado / e ficámos dous heréus / perém meu é o morgado. (FIP, Pero Marques)
- E49 Nunca tal me aconteceu / algum rapaz mas comeu / que as meti no capelo / e ficou aqui o novelo / e o pentem nam se perdeu. / Pois *trazi'-as* de boa mente. (FIP, Pero Marques)
- E50 Vossa mãe *foi-se*, ora bem / sós nos deixou ela assi (FIP, Pero Marques)
- E51 quant'eu *quero-me* ir daqui / não diga algum demo alguém. (FIP, Pero Marques)
- E52 Quam desviado este está / todos andam por caçar / suas damas sem casar / e este *tomade-o* lá. (FIP, Inês Pereira)
- E53 Pois senhora *quero-m'ir* / antes que venha o escuro. (FIP, Pero Marques)
- E54 Inda nam tendes candeia / ponho per cajo que alguém / vem como eu vim agora / e vos acha só a tal hora / *parece-vos* que será bem? (FIP, Pero Marques)
- E55 Se fora outro homem agora / e me topara a tal hora / estando assi às escuras / *falara-me* mil doçuras / ainda que mais nam fora. (FIP, Inês Pereira)
- E56 Pero Marques *foi-se* já? (FIP, Mãe)
- E57 Judeu *queres-me* leixar? (FIP, Vidal)
- E58 Jesu *guarde-me* ora Deos / nam falará um de vós? (FIP, Inês Pereira)
- E59 Diz o exemplo da velha / o que nam haveis de comer / *dexai-o* a outrem mexer. (FIP, Inês Pereira)
- E60 falámos a Badajoz / músico discreto solteiro / este fora o verdadeiro / mas *soltou-se-nos* da noz. (FIP, Vidal)
- E61 Fomos a Villacastim / e *falou-nos* em latim (FIP, Vidal)
- E62 vinde cá daqui a ùa hora / e *trazei-me* essa senhora. (FIP, Vidal)
- E63 Se este escudeiro há de vir / e é homem de discrição / *hás-te* de pôr em feição / e falar pouco e nam rir. (FIP, Mãe)
- E64 E se ela é emprestada / quem na havia de pagar? / Meu amo eu *quero-m'ir*. (FIP, Moço)
- E65 No chão e o telhado por manta / e *çarra-se-m'a* garganta / com fome. (FIP, Moço)
- E66 Inês *guar-te* de rascão / escudeiro queres tu? (FIP, Mãe)
- E67 e *vou-me* à casinha (FIP, Mãe)
- E68 senhor filho e senhor meu / pois que já Inês é vossa / vossa molher e esposa / *encomendo-vo-la* eu. (FIP, Mãe)
- E69 Pesar ora de sam Pisco / convidarei minha prima / e o rabisco acabado / *ir-m'-ei* espojar às eiras. (FIP, Moço)
- E70 Vós *fartai-vos* de lavar (FIP, Moço)
- E71 vós *perdoai-me* senhora / porque vos hei de fechar. (FIP, Moço)
- E72 juro em todo meu sentido / que se solteira me vejo, / assi como eu desejo, / que eu saiba escolher marido, / à boa fé, sem mal engano, / pacífico todo o ano, / que ande a meu mandar, / *havia-me* eu de vingar / deste mal e deste dano. (FIP, Inês Pereira)

- E73 Mas que nova tam suave / desatado é o nó / se eu por ele ponho dó / o diabo m'arrebente / pera mi era valente / e *matou-o* um mouro só (FIP, Inês Pereira)
- E74 Ora *dai-me* essa mão cá / sabeis as palavras si? (FIP, Lianor Vaz)
- E75 Ensinaram-mas a mi / porém *esquecem-me* já. (FIP, Pero Marques)
- E76 Jesu Jesu manas minhas / sois vós aquele que um dia / em casa de minha tia / me mandastes camarinhas. / E quando aprendia a lavar / *mandáveis-me* tanta cousinha / eu era ainda Inesinha / nam vos queria falar. (FIP, Inês Pereira)
- E77 Corregê vós esses véus / e *ponde-vos* em feição. (FIP, Pero Marques)
- E78 E *levar-me-eis* ao ombro / não me corte a madre o frio (FIP, Inês Pereira)
- E79 Pois *digo-te* que nom quero. (BIN, Sapateiro)
- E80 Ou barqueiros que aguardais / vamos venha a prancha logo / e *levai-me* àquele fogo / nam nos detenhamos mais. (BIN, Sapateiro)
- E81 a mor carrega que é / essas moças que vendia / daquesta mercaderia / *trago-a* eu muito bofé. (BIN, Brísida Vaz)
- E82 Pois *estou-vos* eu contando / o porque me havês de levar. (BIN, Brísida Vaz)
- E83 Oh nom praza a Barrabás / se Garcia Moniz diz / que os que morrem como fiz / são livres de Satanás / e *disse-me* que a Deos prouvera / que fora ele o enforcado / e que fosse Deos louvado / que em bôora eu cá nacera (BIN, Enforcado)
- E84 Com o baraço no pescoço / mui mal presta a pregação. / E ele leva a devação / que há de tornar a jentar / mas quem há d'estar no ar / *avorrece-lh'o* sermão. (BIN, Enforcado)
- E85 Ora assi que de maneira / minha hóspeda Inês Pereira / Deos a benza sabe ler / e quanto me faz mister / pera eu ir pola carreira / de que eu contente sam / soma avonda que assi / *lê-me* ela o caderno ali / onde sé a ordenação / de cabo a rabo em par de mi. (JDB, Juiz)
- E86 São terras novas guardadas / que nunca foram lavradas / oh que matos pera pão / que vales pera açafirão / e canas açucaradas / e mais quem quiser lançar / n'alfândega da Cortiçada / *ser-lh'á* logo arrematada / se espera bem de pagar. (JDB, Porteiro)
- E87 Senhor porteiro esses peguilhos / *deitai-os* no chafariz. (JDB, Juiz)
- E88 Nam sei s'é crime se quê / minha filha é violada / e *houveram-ma* forçada (JDB, Ana)
- E89 Foram ambos a mondar / e o trigo era creçudo / e *foi-s'ela*. (JDB, Ana)
- E90 Olhai vós como ele gosta / juiz *fazei-me* dereito. (JDB, Ana)
- E91 Nam sam eu Marta a piadosa / que dou caldo aos enforcados / nem perdoa tais pecados / quem a honra tem mimosa. / O que havedes de fazer / *sentai-mo* nessa querela / que adiante hei d'ir com ela / inda que saiba morrer (JDB, Ana)
- E92 nam no hei polo desprezo / que ele quis fazer de mi / nem outras cousas assi / mas *hei-o* polo mau vezo / que ele tomará daí. (JDB, Ana)
- E93 calar ieramá calar / e nam vir-vos exemplar / nam no sabia senam ela / e ele *vem-no* apregoar. (JDB, Juiz)
- E94 Andando assi como digo / escravo da servidora / *socorri-me* a esta senhora / depois de falar comigo (JDB, Escudeiro)
- E95 e vendi ùa gualteira / e fiz da pousada feira / soma em fim de razões / ajuntei quatro tostões / e *meti-lhos* na mãozinha (JDB, Escudeiro)
- E96 dizendo-lhe: senhora minha / *lembrem-vos* minhas paixões (JDB, Escudeiro)
- E97 Enfim vou eu muito asinha / empenho ùa sela que tinha / e albarde o meu cavalo / e *foi-me* forçado alugá-lo / pera acarretar farinha / e fiquei desbaratado (JDB, Escudeiro)
- E98 Como varreu à vassoura / que vintém nam me ficasse / *veo-me* dizer que a moura / pedia que a forrasse (JDB, Escudeiro)
- E99 Na forca veja eu o juiz / que é o homem que eu mais prezo / s'eu tais emboladas fiz / *lembra-me* que falei eu / a ùa filha do Cetém. (JDB, Ana)

- E100 Se vos pagais tanto dela / *forrarei-la* ora má dia. (JDB, Ana)
- E101 Nam forro minha moradia / poderei forrar a ela / senhor juiz conhecida / é a bulra *dê-me* o meu. (JDB, Escudeiro)
- E102 Assi há isso de passar / juiz *mandai-me* pagar. (JDB, Escudeiro)
- E103 ora pois que se quer ir / sem pancada nem arroído / muito farto e conhecido / *dei-lhe* agora de vestir. (JDB, Escudeiro)
- E104 Torne-me cá o meu vestido / e mais *lançou-me* a perder / ùa cama em que jazia / ele mesmo até meo dia / boa e de receber. (JDB, Escudeiro)
- E105 esta noite eu lazerando / sobre ùa arca e as pernas fora / ele *acorda-me* à ùa hora: / oh se soubesses Fernando / que trova que fiz agora (JDB, Moço)
- E106 Eu nam quero mais sentença / senam que me deis licença / e *chamar-lhe-ei* tu ou vós? (JDB, Moço)
- E107 Porém prazendo a Jesu Cristo / *quero-m'ir* fazer sobr'isto / dous pares de trovezinhas (JDB, Escudeiro)
- E108 venho cá senhor juiz / e *dir-vos-ei* a que venho / porque a preguiça que tenho / faz de mim ùa boiz (JDB, Preguiçoso)
- E109 Vem todos cá à audiença / porque temos deferença / qual de nós o há de herdar. / O esgrimidor *quer-nos* matar / o outro diz que é sua a herança / e lhe pertence por bailar (JDB, Preguiçoso)
- E110 eu nam posso já falar / de preguiça meu senhor / eis i vem o Bailador / eu *quero-me* aqui deitar. (JDB, Preguiçoso)
- E111 Quem enfermo for d'amor / como eu contino sam / faça autos de cristão / *confesse-se* tome o senhor / pois tem a morte na mão (JDB, Amador)
- E112 Ora *deixai-me* falar. (JDB, Amador)
- E113 Bem basta a um homem só / saltarem com ele cinco / mas catorze nam é brinco / porém *sacudi-lhe* eu o pó / como soio quando arrinco. (JDB, Brigoso)
- E114 que o certo em que me fundo / é despovoar-lhe o mundo / e *diga-lho* quem quiser / inda que saiba ir te / ao inferno mais profundo (JDB, Brigoso)
- E115 Nam folgaria eu com isso / mas *pesar-m'ia* pardeos / o que quiserdes julgai / isso seja isso quero. (JDB, Brigoso)
- E116 Julgo per minha sentença / que o asno seja citado / pera a primeira audiença / entanto podeis cantar / e bailar e espreguiçar / qu'eu vou buscar de comer / e quem de mim mais quiser / caminhe e *vá-me* buscar. (JDB, Juiz)
- E117 Perém esse é gram mestério / s'eu trouguera mais vagar / *sorrira-me* eu tamalavez. (PUR, Lavrador)
- E118 Ora *comede-la* que vos preste / ui e que gaio é ora este / de ribeira (PUR, Marta Gil)
- E119 Vendia minha lavrança / um ovo por dous reais / um cabrito se s'alcança / té quatro vinténs não mais / tendes vós isto em lembrança? / Um frangão por um vintém / e ùa galinha sessenta / e *acerta-se* também / que às vezes vem alguém / que as leva por setenta. (PUR, Marta Gil)
- E120 Melhor creio eu que será / Jesu Jesu *benzo-m'eu*. (PUR, Marta Gil)
- E121 anjos *ajudade-me* ora / que vos veja eu bem casados / nam me deixedes de fora / por aquela santa hora / em que todos fostes criados. (PUR, Marta Gil)
- E122 digo senhor pesadelo / vós sabereis isto bem / estando em Val de Cubelo / *deu-me* dor de cotovelo / emperol morri perém. (PUR, Pastor)
- E123 E *fui-me* per esse chão / a Deos douche alma dizer / com meu cacheiro na mão / sem sóis motrete de pão / nem fome pera o comer / se vem à mão (PUR, Pastor)

- E124 Sois buzaranha / e mais *fede-vo-lo* bafo / e jogatais de gadanha / e tendes modão d'aranha / e samicas sereis gafo. (PUR, Pastor)
- E125 esta noite é dos pastores / e tu decho estás em seco / e *salvam-se* os pecadores / criados de lavradores / e tu estás coma peço. (PUR, Pastor)
- E126 E pois que lhe fiz a ela / pera dizer que é pecado? / Ûa vez *arrei-lhe* o pé / na chacota em Vilarinho / e ainda pola abofé / Costança Anes que viva é / me meteu naquele alinho. (PUR, Pastor)
- E127 Eu sonho triste de mi / oh coitada como tremo / minha mãe *valei-me* aqui / que quando de vós parti / nam cuidei d'achar o demo (PUR, Moça)
- E128 Mas na negra pois te vejo / oh *desaparece-me* ora / que faleci ind'agora / em mui perigoso ensejo (PUR, Moça)
- E129 Ó anjos minha alegria / vista de consolação / por virtude e cortesia / *ensinai-me* per que via / passarei à salvação. (PUR, Moça)
- E130 Ó anjos *levai-me* já / tirai-me deste ladrão. (PUR, Moça)
- E131 olhade cá filha amiga / feiteiceira haveis mister / porque quereis que vos diga / *ver-vos-edes* em fadiga / se vosso pai cá vier. (RUB, Parteira)
- E132 e *mandar-vos-á* levar / onde parireis segura / e enquanto a vou chamar / muito asinha sem tardar / vós sustende a criatura. (RUB, Parteira)
- E133 Que sirvais esta senhora. / Ora sus remedeá-la / levai-a muito escondida / e *trazede-ma* parida / a criancinha enjeitá-la / onde seja recolhida. (RUB, Feiteiceira)
- E134 Ave Maria senhora / chea de gracia plena / olhade ora por Rubena / e *trazede-lh'a* boa hora. (RUB, Feiteiceira)
- E135 Os intes vintus que mora / a vinta um grave tive / polo que reina e que vive / *spíritos trazede-a* ora. (RUB, Feiteiceira)
- E136 Vós que ficais i buscar / asinha logo ness'ora / ùa honrada lavradora / de leite pera a criar. / Fazei vós lá outras figuras / assi com'ora escudeiros / nam me seiais tardinheiros / e *trazede-ma* às escuras. (RUB, Feiteiceira)
- E137 Ora *ide-vos* ieramá / e Ama venha embora / ora entrai minha senhora / esperai um pouco lá. (RUB, Feiteiceira)
- E138 Vámonos dixo mi tio / e *levade-me* por el río. (RUB, Ama)
- E139 e *Levantei-me* um dia / lunes de mañana / e Muliana Muliana / e Nam venhais alegria / e outras muitas destas tais. (RUB, Ama)
- E140 Diabos por meu amor / filhos meus e meus senhores / *ide-me* à deosa maior / dizei que por seu louvor / me mande as fadas maiores (RUB, Feiteiceira)
- E141 Tudo isso são carambolas / ama *levade-a* asinha. (RUB, Feiteiceira)
- E142 ora *i-vos* minha rainha. (RUB, Feiteiceira)
- E143 e *mandar-m'-eis* das cebolas. (RUB, Feiteiceira)
- E144 Levantar màora em pé / s'entorno o meu alguidar / *far-vos-ei* eu rebentar / como nilo tempore. (RUB, Feiteiceira)
- E145 Vós *vistes-me* aqui andar / uns cabretinhos malhados / e dous porquinhos cilhados? (RUB, Cismena pastorinha)
- E146 Quant'eu nam os posso achar. / Fui-me màocha jeitar / a dormir malavesinho / à beirinha do caminho / e *foram-mos* acostrar. (RUB, Cismena pastorinha)
- E147 Dous porquinhos trosquiados / coinhar nam nos ouvistes? / Oh dou ò decho am dos tristes / amo *vistes-mos* pacer? (RUB, Cismena pastorinha)
- E148 chicos chiquinhos chicos / ó Deos bem aventurado / *acha-me* ora este meu gado / *acha-m'ora* os meus cabritos. (RUB, Cismena pastorinha)

- E149 Oh pesar de mim comigo / di *rogo-to* Cismeninha / viste-m'a minha burrinha? (RUB, Joane)
- E150 Oh pesar de mim comigo / di *rogo-to* Cismeninha / *viste-m'a* minha burrinha? (RUB, Joane)
- E151 Vai-a tu buscar à vinha / e *achá-la-ás* que já la achei. (RUB, Cismena pastorinha)
- E152 se vai travada *achá-la-ás*. (RUB, Cismena pastorinha)
- E153 Se vires os meus porquinhos / *dá-lhe* lá ùa sorraba . (RUB, Cismena pastorinha)
- E154 e *torna-me* os cabretinhos. (RUB, Cismena pastorinha)
- E155 Ta mãe nam faz senão chamar / e tu *ris-te* Cismeninha. (RUB, Pedrinho)
- E156 E minha mãe *deu-me* um bolo. (RUB, Afonsinho)
- E157 E a mim *hã-me* de comprar / ùa coifinha lavrada. (RUB, Cismena pastorinha)
- E158 E a mi *dão-me* sardinha inteira. (RUB, Pedrinho)
- E159 E vós senhor que buscais / a Cismena / se por falcão vos contaís / *pelar-vos-á* pena e pena / veremos com que voais. (RUB, Clita)
- E160 senhora *benza-vos* Deos. (VDH, Velho)
- E161 Ora *dá-lhe* lá favores / velhice como t'enganas. (VDH, Moça)
- E162 Senhora *eis-me* eu aqui/ que nam sei senam amar / ó meu rosto d'alfeni / que em forte ponto vos vi / neste pomar. (VDH, Velho)
- E163 Porque são / colhidas de vossa mão / *leixar-m'eis* algũa vida / nam isenta de paixão / mas será consolação / na partida. (VDH, Velho)
- E164 Dono veo lá meu tio / estava minha dona entam ela / *foi-se-lhe* o lume pola panela / senam acertá-lo acario. (VDH, Parvo)
- E165 Assi pardeos / entam tanta pulga em vós / tanta bichoca nos olhos / ali c'os finados sós / e *comer-vos-ão* a vós / os piolhos (VDH, Parvo)
- E166 Minha dona quer comer / vinde eramá dono que brada / olhai eu *fui-lhe* dizer / dessa rosa e do tanger / e está raivada. (VDH, Parvo)
- E167 Volvido nos han volvido / volvido nos han / por una vecina mala / meu amor *tolheu-me* a fala / volvido nos han. (VDH, Velho)
- E168 Ó sam Gracia / Moniz tu que hoje em dia / fazes milagres dobrados / *dá-lhe* esforço e alegria / pois que és da companhia / dos penados (VDH, Branca Gil)
- E169 glorioso sam dom Martinho / apóstolo e evangelista / tornai este feito à revista / porque leva mau caminho / e *dai-lhe* esprito. (VDH, Branca Gil)
- E170 ó santa dona Maria / Anriques tam preciosa / *queirais-lhe* ser piadosa / por vossa santa alegria. (VDH, Branca Gil)
- E171 ó santa dona Joana / de Mendoça tam fermosa / preciosa e mui lustrosa / mui querida e mui oufana / *dai-lhe* vida / com outra santa escolhida / que tenho in voluntas mea / seja de vós socorrida / como de Deos foi ouvida /a Cananea (VDH, Branca Gil)
- E172 Santa dona Breatiz de Sá / *dai-lhe* senhora conforto / porque está seu corpo já / quasi morto (VDH, Branca Gil)
- E173 E se ajudar / santa dona Ana sem par / d'Eça bem aventurada / *podei-lo* ressoscitar / que sua vida vejo estar / desesperada (VDH, Branca Gil)
- E174 Vivireis prazendo a Deos /e *casar-vos-eis* com ela. (VDH, Branca Gil)
- E175 Ide-lhe *rogo-vo-lo* falar / e fazei com que me queira / que pereço. (VDH, Velho)
- E176 E se reclama / que sendo tam linda dama / por ser velho me avorrece / *dizei-lhe* que mal desama / porque / minha alma que a ama / nam envelhece. (VDH, Velho)
- E177 Sus nome de Jesu Cristo / *olhai-me* pola cestinha. (VDH, Branca Gil)

B) PRÓCLISE em frases finitas (contextos de potencial variação ênclise/próclise)

- P1 dum que põe polas trincheiras / *lhe merquei* eu dez salseiras / que lh'avondarão um mês. (AGR, Apariç'Eanes)
- P2 Eu direi que um escolar / me tirou o nascimento / e disse: o teu casamento / se no Porto hás de casar / *amara vida te sento* / ca serás demoninhada / esses dias que viveres. (AGR, Juliana)
- P3 A fortuna todavia / *nos tem* que farte agravadas / andemos nossas jornadas / cheguemos à romaria / e seremos descansadas. (AGR, Juliana)
- P4 Nam sei a quem ele sai / mas é feito a seu prazer / ele *me matou* meu pai / e meu dono e entam vai / fez morrer minha molher (AGR, João Mortinheira)
- P5 Colopêndio *se cham'ele* / e tam grande amor deu nele / que o trata bofé mal (AGR, João Mortinheira)
- P6 Eu *to direi* muito prestes / o frade é frei Narciso / e vem cá muito queixoso / porque o nam fizeram bispo (AGR, Branca)
- P7 Neste seu livro *o lerás* / escuta tu e verás / as trovas que fez à dama. (QTF, Apariço)
- P8 Eu *te farei* amassar. (QTF, Velha)
- P9 Dixeram-mo por mui certo / que é certo que fica cá / o Concelos *me faz* isto. (IND, Moça)
- P10 Antontem *se foi*. (IND, Ama)
- P11 Às nove horas e nô mais / e tirai ùa pedrinha / pedra muito pequenina / à janela dos quintais / entoncos *vos abrirei* / de muito boa vontade / pois sois homem de verdade / nunca vos falecerei. (IND, Ama)
- P12 Como ele souber a fé / que nosso amo aqui nam é / Lemos *vos vesitará*. (IND, Moça)
- P13 Se nam fora o capitão / eu trouxera a meu quinhão / um milhão *vos certifico*. (IND, Marido)
- P14 Eu *me irei* ao cardeal (FIP, Lianor Vaz)
- P15 Em nome do anjo bento / eu *vos trago* um casamento / filha nam sei se vos praz. (FIP, Lianor Vaz)
- P16 Eu *vos trago* um bom marido / rico honrado conhecido / diz que em camisa vos quer. (FIP, Lianor Vaz)
- P17 Pero Marques vosso amigo / que ora estou na nossa aldea / mesmo na vossa mercea / *me encomendo* (FIP, carta de Pero Marques)
- P18 Eu *o estou* cá pintando / sabeis mãe que eu adevinho / deve ser um vilanzinho / ei-lo se vem penteando / será com algum ancinho. (FIP, Inês Pereira)
- P19 digo que esteis muit'embora / folguei ora de vir cá / eu *vos escrevi* de lá / ùa cartinha senhora / assi que e de maneira. (FIP, Pero Marques)
- P20 Eu Pero Marques *me digo* / como meu pai que Deos tem. (FIP, Pero Marques)
- P21 Minha mãe eu *vos seguro* / que ela venha cá dormir. (FIP, Inês Pereira)
- P22 Sempre tu hás de bailar / e sempre ele há de tanger / se nam tiveres que comer / o tanger *te há* de fartar. (FIP, Mãe)
- P23 Sapatos *me daria* ele / se me vós dêsseis dinheiro. (FIP, Moço)
- P24 O diabo *me tomou* / tirar-me de João Montês / por servir um tavanês / mor doudo que Deos criou. (FIP, Moço)
- P25 Este escudeiro aosadas / onde se derem pancadas / ele *as há* de levar / boas senam apanhar / nele tendes boas fadas. (FIP, Vidal)
- P26 Amenhã *vo-los* darão (FIP, Mãe)
- P27 Venhas embora Luzia / e cedo *te* eu assi veja. (FIP, Inês Pereira)

- P28 Ficai com Deos filha minha / nam virei cá tam asinha. / A minha benção hajais / esta casa em que ficais / *vos dou* (FIP, Mãe)
- P29 eu *me vou* desenfadar / com essas moças lá fora (FIP, Moço)
- P30 Jesu Jesu tam asinha / isso *me haveis* de dizer / quem perdeu um tal marido / tam discreto e tam sabido / e tam amigo de minha vida. (FIP, Inês Pereira)
- P31 Pois eu hei só de cantar / e vós *me respondereis* / cada vez que eu acabar: / pois assi se fazem as cousas (FIP, Inês Pereira)
- P32 marido cuco *me levades* / e mais duas lousas. (FIP, Inês Pereira)
- P33 Ora eu *me maravilho* / haverdes por gram peguillo / quatro forminhas cagadas / que podem bem ir chantadas / num cantinho desse leito. (BIN, Sapateiro)
- P34 Se fosse ò fogo infernal / lá iria todo o mundo / a estoutra barca cá fundo / *me vou* que é mais real / barqueiro mano meus olhos / prancha a Brísida Vaz. (BIN, Brísida Vaz)
- P35 Eu *te direi* que ele diz / que fui bem aventurado / em morrer dependurado / como o tordo na buiz / e diz que os feitos que eu fiz / me fazem colonizado. (BIN, Enforcado)
- P36 e no passo derradeiro / *me disse* nos meus ouvidos / que o lugar dos escolhidos / era a forca e o Limoeiro. (BIN, Enforcado)
- P37 Em logo de corregedor / *me mandou* o regedor / que faça neste lugar / odiança d'ouvidor (JDB, Juiz)
- P38 Ora traga vossa mercê / um banco e ùa esteira / e ùa cortiça inteira. / E vossa mercê *me dê* / licença que o requeira / ide logo sem tardar. (JDB, Juiz)
- P39 Essa *me custa* a mi bem / do alheo e do meu. (JDB, Escudeiro)
- P40 ou comer por essas vinhas / pois o demo *me fez* isto. (JDB, Escudeiro)
- P41 E ùa manta d'Alentejo / que na minha cama tinha / manta já usadazinha / *ma levou* com tal despejo / como s'ela fora minha (JDB, Escudeiro)
- P42 senhor juiz ufá eu por bailar / mereço o asno de meu pai / ufá e vós *mo julgai*. (JDB, Bailador)
- P43 Eu *lhe trazia* das bodas / sempre o capelo atestado / de figos de carne e pão. (JDB, Bailador)
- P44 Ufá o asno *me darão* / porque o tenho bem ganhado. (JDB, Bailador)
- P45 Bofá à vontade *me dá* / que nam hei hoje d'acabar. (JDB, Juiz)
- P46 O asno senhor juiz / qu'estes vem a demandar / a mim *o haveis* de julgar / e o direito assi o diz (JDB, Amador)
- P47 Juiz ele *o merece* menos (JDB, Bailador)
- P48 eu bailei em Santarém / sendo os ifantes pequenos / e bailei no Sardoal / e de contino *me vem* / bailar sem haver alguém / que me ganhe em Portugal. (JDB, Bailador)
- P49 Este asno deve ser meu / e vós assi *mo julgai* / que eu fui honra de meu pai / e assi o provarei eu / o asno juiz *me dai* (JDB, Brigoso)
- P50 E é rezão que nos valha / neste serão glorioso / que é gram refúgio sem falha / isto *me faz* forçoso / e nam estou temeroso / nemigalha. (PUR, Lavrador)
- P51 Ó mundo mundo enganado / vida de tam poucos dias / tam breve tempo passado / tu *me trouveste* enganado / e me mentias. (PUR, Lavrador)
- P52 Ó mundo mundo enganado / vida de tam poucos dias / tam breve tempo passado / tu *me trouveste* enganado / e *me mentias*. (PUR, Lavrador)
- P53 Eu *vo-la quero* ir buscar. (RUB, Parteira)
- P54 Dous de vós *me vão* furtar / ali a par da Trindade / um berço que deu um frade / a Joana d'Aguiar. (RUB, Feiticeira)
- P55 basto *se semea* o nabo / quando florece o agrão / entam canta o tintilhão / e bate a alvela o rabo. (RUB, Feiticeira)

- P56 amen por tua grandeza / e nos livre tua alteza / da tristeza sem medida (VDH, Velho)
- P57 E essa tosse? / Amores de sobreposse / serão os da vossa idade / o tempo vos tirou a posse. (VDH, Moça)
- P58 Vós me cegais com tristuras / mas vejo as desaventuras / que me dais. (VDH, Moça)
- P59 U-los esses namorados / desinçada é a terra deles / olho mau se meteu neles / namorados de cruzados / isso si. (VDH, Moça)
- P60 Ó senhora / como sei que estais agora / sem saber minha saudade. / Ó senhora matadora / meu coração vos adora / de vontade. (VDH, Velho)
- P61 Deos me faria mercê / de me soltar as amarras. / Vai saltando / aqui te fico esperando / traz a viola e veremos. (VDH, Velho)
- P62 Pois que me pedis ciúmes / eu vo-lo farei verdade. (VDH, Velho)
- P63 ó santo Martim Afonso / de Melo tam namorado / dá remédio este coitado / e eu te direi um responso / com devação. (VDH, Branca Gil)
- P64 E vós sentida / santa dona Margarida / de Sousa lhe socorrê / se lhe puderdes dar vida / porque está já de partida / sem porquê (VDH, Branca Gil)
- P65 Eu lhe peitarei em grosso. (VDH, Branca Gil)
- P66 Ûa adela me vendia / um firmal de ùa senhora / com um robi / pera o colo de marfi / lavrado de mil labores / por cem cruzados. (VDH, Branca Gil)
- P67 Agora màora é vossa / vossa é treva. / Mas ela o noivo a leva / vai tam leda tam contente / uns cabelos como Eva (VDH, Mocinha)
- P68 quero-m'ir buscar a morte / pois que tanto mal busquei. / Quatro filhas que criei / eu as pus em pobre sorte. (VDH, Velho)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Álvarez, Rosario / Xosé Xove (2002): *Gramática da Língua Galega*. Vigo: Galaxia.
- Batllo, Montserrat / Narcís Iglésias / Ana Maria Martins (2005): "Sintaxi dels clítics pronominals en català medieval", *Caplletra* 38, 137-177.
- Bestilleiro Bello, Xosé (2000): "A Posición dos Clíticos no Galego dos Séculos XIII ó XVI". Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela. Inédito.
- Camões, José et al. (eds.) (2001): *Gil Vicente – Todas as Obras*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. (Edição electrónica).
- Cintra, Luís Filipe Lindley (ed.) (1954): *Crónica Geral de Espanha de 1344 (Edição crítica do texto português)*, vol. II. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- CORDIAL-SIN: *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe*. (<http://www.clul.ul.pt>).
- Costa, João / Ana Maria Martins [2011]: "On Focus Movement in European Portuguese", *Probus* 23. (no prelo).
- Domingos, Manuel (2010): "A colocação dos pronomes clíticos no português (oral) de Angola (POA)". Trabalho do seminário de Linguística Comparada: Tópicos de Gramática do Português numa perspectiva comparativa. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Inédito.
- Duarte, Inês (1997): "Ordem de palavras: sintaxe e estrutura discursiva", em A. M. Brito / F. Oliveira / I. Pires de Lima / R. M. Martelo, *Sentido que a Vida faz. Estudos para Óscar Lopes*. Porto: Campo das Letras. 581-592.
- Duarte, Inês (2003): "Padrões de colocação dos pronomes clíticos", em M. H. Mira Mateus / A. M. Brito / I. Duarte / I. Hub Faria et al., *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho. 847-867.
- Duarte, Inês / Gabriela Matos (2000): "Romance clitics and the minimalist program", em João Costa (ed.), *Portuguese Syntax: New Comparative Studies*. Oxford/New York: Oxford University Press, 116-142.
- Duarte, Luiz Fagundes (1986): *Os Documentos em Português da Chancelaria de D. Afonso III (Edição)*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tese de mestrado inédita.
- van der Eijk, Pim (1989): "A colocação do pronome clítico em português", *Boletim de Filologia* 32, 27-63.
- Fischer, Susan (2002): *The Catalan Clitic System: A Diachronic Perspective on its Syntax and Phonology*. Berlin: Mouton de Gruyter.

- Ferro Couselo, Xesús (1967): *A Vida e a Fala dos De-vanceiros: Escolma de documentos en galego dos séculos XIII ao XVI*. Vigo: Galaxia, 1996.
- Fernández-Rubiera, Francisco José (2009): *Clitics at the Edge: Clitic Placement in Western Iberian Languages*. Washinton, DC: Georgetown University. Tese de doutoramento inédita.
- Figueiredo, Cândido de (1944⁹⁹): *O Problema da Colocação dos Pronomes*. Lisboa: Clássica Editora.
- Galves, Charlotte (2003): "Síntaxe e estilo nos sermões do Padre Antonio Vieira", em Tânia Alkmim / Eleonora Albano / Maria Irma Hadler / Sírio Possenti (eds.), *Saudades da Língua*. São Paulo: Companhia das Letras, 245-260.
- Galves, Charlotte / Helena Britto / Maria Clara Paixão de Sousa (2003): "Clitic Placement in European Portuguese" (http://www.ime.usp.br/~tycho/participants/c_galves/GBPS_2003).
- Galves, Charlotte / Helena Britto / M. Clara Paixão de Sousa (2005): "The change in clitic placement from Classical Portuguese to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus", *Journal of Portuguese Linguistics* 4.1, 39-67.
- Galves, Charlotte / Maria Aparecida Torres Moraes / Ilza Ribeiro (2005): "Pronominal Clitics in European and Brazilian Portuguese", *Journal of Portuguese Linguistics* 4.2, 143-177.
- Góis, Damião de (1953¹⁵⁶⁶): *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel*, Parte II. Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigensis.
- Gonçalves Rita (2009): "A colocação dos pronomes clíticos no português oral de São Tomé: Análise e discussão de contextos numa perspectiva comparativa". Trabalho do seminário de Linguística Comparada: Tópicos de Gramática do Português numa perspectiva comparativa. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Inédito.
- González i Planas, Francesc (2007): "Síntaxis de los clíticos pronominales en asturleonés", *Ianua. Revista Philologica Romanica* 7, 15-35.
- Granberg, Robert A. (1988): *Object Pronoun Position in Medieval and Early Modern Spanish*. Los Angeles: University of California at Los Angeles. Tese de doutoramento inédita.
- Harris, James / Morris Halle (2005): "Unexpected plural inflections in Spanish: Reduplication and Metathesis", *Linguistic Inquiry* 36.2, 195-222.
- Hernanz, M.ª Lluísa / José M.ª Brucart (1987): *La Sintaxis: Principios teóricos. La oración simple*. Barcelona: Editorial Crítica.
- Höhle, Tilman N. (1992): "Über Verum-Fokus in Deutschen", em Joachim Jacobs (ed.), *Informations-struktur un Grammatik*. Öpladen: West-deutscher Verlag, 112-141.
- Huber, Joseph (1986³³): *Gramática do Português Antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Justino, Víctor Mércia (2010): "Estudo Comparativo dos Padrões de Colocação dos Pronomes Clíticos nos Discursos Oral e Escrito do Português de Moçambique". Trabalho do seminário de Linguística Comparada: O Português em África. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Inédito.
- Justo Martín, Maria Xosé / Manuel Lucas Álvarez (1991): *Fontes Documentais da Universidade de Santiago de Compostela: Pergameos da senarie Bens do Arquivo Histórico Universitario (anos 1237-1537)*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega.
- Kroch, Anthony (1989): "Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change", *Language Variation and Change* 1, 199-244.
- Kroch, Anthony (2001): "Syntactic Change", em Mark Baltin / Chris Collins (eds.), *Handbook of Contemporary Syntactic Theory*. Oxford: Blackwell, 699-729.
- Kroch, Anthony / Ann Taylor (1997): "Verb movement in Old and Middle English: Dialect variation and language contact", em Ans van Kemenade / Nigel Vincent (eds.), *Parameters of Morphosyntactic Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 297-325.
- Kroch, Anthony / Ann Taylor (2000): "Verb-Object order in Early Middle English", em Susan Pintzuk / George Tsoulas / Anthony Warner (eds.), *Diachronic Syntax: Models and Mechanisms*. Oxford/New York: Oxford University Press, 132-163.
- Leonetti, Manuel / Victoria Escandell Vidal (2009): "Fronting and *verum focus* in Romance", em Andreas Dufter / Daniel Jacob (eds.), *Focus and Background in Romance Languages*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 155-204.
- Lightfoot, David (1991): *How to Set Parameters: Arguments from Language Change*. Cambridge, Mass/London: MIT Press.
- Lightfoot, David (1999): *The Development of Language. Acquisition, Change and Evolution*. Malden, MA/Oxford: Blackwell.
- Lobo, Tânia (1992): *A Colocação dos Clíticos em Português: Duas Sincronias em Confronto*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tese de mestrado inédita.
- Lobo, Tânia (1996): "A sintaxe dos clíticos", em Rosa Virgínia Mattos e Silva (ed.), *A Carta de Caminha: Testemunho Lingüístico de 1500*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 85-133.
- Lobo, Maria (2003): *Aspectos da Sintaxe das Orações Subordinadas Adverbiais do Português*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Tese de doutoramento inédita.

- Lopes, Ana Luíza Araújo (2010): *A Ênclise em Orações Dependentes na História do Português Europeu*. Campinas, SP: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Tese de mestrado inédita.
- Maia, Clarinda de Azevedo (1986): *História do Galego-Português: Estado Linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (com referência à situação do galego moderno)*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Magro, Catarina (2007): *Clíticos: Variações sobre o Tema*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tese de doutoramento inédita.
- Martins, Ana Maria (1994): *Clíticos na História do Português*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tese de doutoramento inédita.
- Martins, Ana Maria (2001): *Documentos Portugueses do Noroeste e da Região de Lisboa. Da Produção Primitiva ao Século XVI*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Martins, Ana Maria (2003): “From unity to diversity in Romance syntax: A diachronic perspective of clitic placement in Portuguese and Spanish”, em Kurt Braunmüller / Gisella Ferraresi (eds.), *Aspects of Multilingualism in European Language History*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 201-233.
- Martins, Ana Maria (2005): “Clitic Placement, VP-ellipsis and scrambling in Romance”, em Batllori et alii (eds.), *Grammaticalization and Parametric Change*. Oxford/New York: Oxford University Press, 175-193.
- Martins, Ana Maria (2006): “Emphatic Affirmation and Polarity: Contrasting European Portuguese with Brazilian Portuguese, Spanish, Catalan and Galician”, em Jenny Doetjes / Paz Gonzalez (eds.), *Romance Languages and Linguistic Theory 2004*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 197-223.
- Martins, Ana Maria [2008]: “A posição dos pronomes pessoais clíticos”, em Maria Fernanda Bacelar et alii, *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (no prelo).
- Mattos e Silva, Rosa Virgínia (1989): *Estruturas Trecentistas: Elementos para uma Gramática do Português Arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Mizunuma, Osamu (2009): “A colocação dos pronomes clíticos em orações subordinadas nos dialectos açorianos e madeirenses”. Trabalho do seminário de Linguística Comparada: Tópicos de Gramática do Português numa perspectiva comparativa. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Inédito.
- Namiuti, Cristiane (2008): *Aspectos da História Gramatical do Português. Interpolação, Negação e Mudança*. Campinas, SP: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Tese de doutoramento inédita.
- Ogando, Victoria (1980): “A colocación do pronome átono en relación co verbo no galego-português medieval”, *Verba* 7, 251-282.
- Paixão de Sousa, Maria Clara (2004): *Língua Barroca: Sintaxe e História do Português de 1600*. Campinas, S.P.: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Tese de doutoramento inédita.
- Pato, Raymundo A. Bulhão (ed.) (1884): *Cartas de Afonso de Albuquerque seguidas de Documentos que as Elucidam*, tomo I. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa.
- Ribeiro, Ilza (1995): *A Sintaxe da Ordem no Português Arcaico: O Efeito V2*. Campinas, S.P. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Tese de doutoramento inédita.
- Rocha, Nilzete (2009): *Clíticos: Ingrediente na Cozinha Portuguesa do século XIII*. Salvador, BA: Universidade Federal da Bahia. Tese de mestrado inédita.
- Romero, Maribel (2006): “Biased yes/no questions: the role of VERUM focus”, *Sprache und Datenverarbeitung* 30, 9-24.
- Romero, Maribel / Chung-hye Han (2004): “On negative yes/no questions”, *Linguistics and Philosophy* 27, 609-658.
- Said Ali, Manuel (1966⁹⁸). *Dificuldades da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- Salvi, Giampaolo (1990): “La sopravvivenza della legge di Wackernagel nei dialetti occidentali della Penisola Iberica”, *Medioevo Romanzo* 15, 117-210.
- Tato Plaza, Fernando R. (1999): *Libro de notas de Álvaro Pérez, notário da terra de Rianxo e Postmarcos (1457)*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega.
- Teyssier, Paul (2005): *A Língua de Gil Vicente*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Verney, Luís António (1949¹⁷⁴⁶): *Verdadeiro Método de Estudar*. Edição de António Salgado Júnior, vol. I. Lisboa: Sá da Costa.
- Vieira, António (1907-1909¹⁶⁷⁹⁻¹⁷⁴⁸): *Sermões*. Edição revista pelo Padre Gonçalves Alves. Livraria Char-dron. Porto (15 vols).
- Zubizarreta, M.^a Luisa (1999): “Las funciones informativas: Tema y foco”, en I. Bosque / V. Demonte (orgs.), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, vol. 3. Madrid: Espasa, 4215-4244.